

SEÇÃO DE LIVROS

RAPTO:

A História do Caso Lindbergh

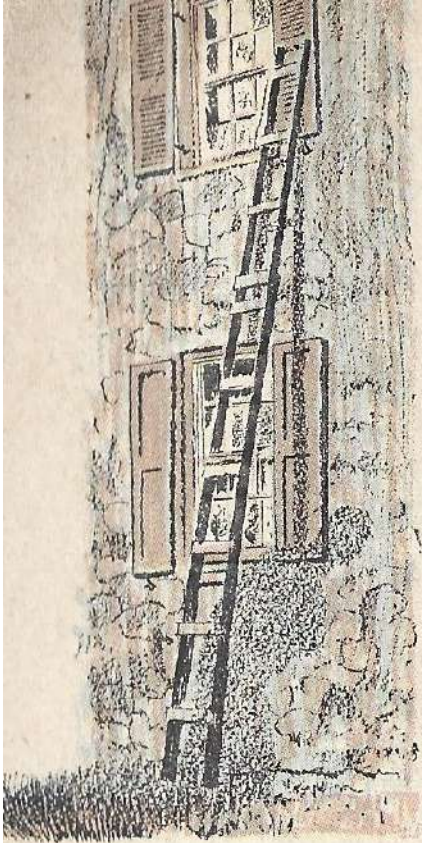
Condensação do livro*

George Waller

SEGUNDA PARTE

Com a prisão de Bruno Richard Hauptmann atingiu o clímax a longa e intensa procura dos suspeitos do rapto e da morte do menino Lindbergh. Quase imediatamente houve nova sensação. Esta segunda e última parte do livro de George Waller oferece ao leitor uma cadeira de primeira fila para assistir ao drama inolvidável que se seguiu—o julgamento de Hauptmann.

Chamada “o julgamento do século”, essa batalha jurídica despertou o interesse mundial e constituiu-se num dos mais emocionantes episódios da história judiciária. Êste é o relato tenso, repleto de surpresas, das meticulosas investigações que resultaram na denúncia de Hauptmann e do enervante duelo para salvar-lhe a vida. É um livro repleto dos momentos empolgantes, da tragédia e do inextinguível fascínio que fazem do caso Lindbergh uma novela de intriga e mistério.



A NOITE INTEIRA enxames de detectives e guardas, todos à paisana, mantiveram-se em ansiosa vigilância nos bosques das imediações da

casa n.º 1.279 da Rua 222. Quando a fantasmagórica luz cinzenta da madrugada começou a filtrar-se entre as árvores, o Tenente James J. Finn, da polícia de Nova York, dirigiu o binóculo para o prédio. Era uma casa residencial pequena, de dois pavimentos; no interior, Finn tinha a certeza, achava-se o criminoso mais procurado de todo o país, o raptor e assassino do filho do casal Lindbergh, Charles A. Lindbergh, Jr.

A pista que conduziu àquela parte escassamente povoada do Bronx fôra longa e sinuosa. Nos dois anos e meio decorridos desde o rapto nenhum outro suspeito forte fôra descoberto. Mas o morador daquela casa comprara gasolina com uma das cédulas do resgate (cujos números de série tinham sido publicados). Um empregado atento do posto de abastecimento anotara o número do carro do freguês na própria cédula e a polícia descobrira o endereço pelo registro. Chamava-se Bruno Ri-

chard Hauptmann. A descrição do seu tipo combinava exatamente com a do homem que recebera o resgate de 50.000 dólares.

Trabalhando em colaboração com o agente Thomas Sisk, do Ministério da Justiça, e Arthur Keaton, da polícia de Nova Jersey, o Tenente Finn fizera cuidadosos preparativos para a prisão. A princípio pensaram em prender Hauptmann dentro de casa, mas Finn opusera-se. Para manter Hauptmann sob custódia pelo tempo que quisessem, êles precisavam ter provas pelo menos de que êle tinha conhecimento culposo do crime, e tal prova talvez não a encontrassem na residência. Êle poderia ter escondido noutra parte o dinheiro do resgate.

O caminho mais seguro, sustentava Finn, seria deixar que Hauptmann saísse de casa. Êle haveria de estar sempre buscando oportunidades de trocar as denunciadoras cédulas do resgate; se fôsse prêso com uma delas, isso seria prova bastante para a detenção.

Sisk e Keaton concordaram. E no dia 19 de setembro de 1934 os três juntos e mais nove outros—policiais, agentes federais e detectives à paisana—tinham-se disposto num triângulo estratégico para impedir qualquer possibilidade de fuga. Finn estava convencido de que nada de-

nunciaria a sua presença e a de seus companheiros no local; nada poderia trair os três carros da polícia escondidos nas imediações. O sol já ia alto, e o pequeno grupo escolhido a dedo continuava à espreita, sem ser visto.

Às nove horas da manhã um homem saiu pela porta da frente.

O binóculo de Finn imediatamente o focalizou. Era um homem de altura e pêso medianos, de pernas compridas e compleição musculosa—coincidindo com a descrição do homem que recebera o dinheiro do resgate.

O homem caminhou na direção de uma garagem fechada a cadeado, abriu-a e entrou. Minutos depois um *sedan* Dodge azul-escuro saía em marcha à ré. Os observadores, caminhando curvados, dirigiram-se para os seus carros.

Por três quilômetros a discreta caravana de carros, prudentemente distanciados entre si, foi seguindo o *sedan* azul. Quando se aproximavam da Avenida Tremont, onde seria fácil perderem o *sedan* de vista no cruzamento do tráfego, um carro-regador de repente os fêz diminuir a marcha. O motorista do carro da polícia que ia à frente pisou no acelerador e emparelhou o seu carro com o Dodge, fechando-o e impedindo-o de ultrapassar o carro-regador. Segundos depois um sargento da polícia saltava, abria a porta direita do Dodge, sentava-se ao lado do motorista e encostava o cano de uma arma em suas costelas.

—Encoste ao meio-fio—ordenou.

O homem encarou os seus captores perplexo.

—Que é isto?—perguntou, quando o sargento o puxou para a calçada.

Ninguém lhe deu resposta. Um guarda algemou Hauptmann. Uma rápida revista revelou que êle estava desarmado. Então os detectives deram início a uma cuidadosa revista. Do bôlso esquerdo da calça de Hauptmann, Keaton retirou uma carteira. Havia dentro dela uma cédula-ouro de 20 dólares, que foi imediatamente conferida com a lista do dinheiro seriado do resgate. O número constava da lista.

Os homens tinham-se conservado calados no burburinho do tráfego, mas agora as perguntas vinham rápidas e insistentes. Onde obtivera aquela cédula-ouro? Calmamente Hauptmann respondeu que tinha o hábito de juntar cédulas-ouro porque receava a inflação—conhecera-a na Alemanha e não queria sofrê-la de nôvo. Ainda devia ter mais umas 100 daquelas.

Onde estavam?

—Lá em casa, numa lata—informou Hauptmann sem se alterar.

Hauptmann foi conduzido para um dos carros da polícia, o pequeno cortejo fêz a volta e seguiu para a casa 1.279 da Rua 222.

A Busca na Residência de Hauptmann

ANNA HAUPTMANN ficou estupefata quando a polícia invadiu o

apartamento do segundo andar. Olhava sem dizer palavra, enquanto os policiais afastavam móveis, abriam gavetas, olhavam dentro dos armários. Viu o marido e correu para êle.

—Richard! Que é isto? Você fez alguma coisa?

—Não, Anna.

—Diga-me! Diga-me se fez alguma coisa!

—Levem essa mulher para fora—interveio outra voz àsperamente.

Anna foi levada para fora do aposento.

A procura de provas começou no momento em que os policiais entraram no apartamento. Primeiro os detectives pediram para ver a lata a que Hauptmann se referira, mas verificou-se que dentro dela só havia seis moedas de ouro de 20 dólares.

Não era aquilo que êles queriam, explicou Sisk; êles falavam de *cédulas-ouro*. Hauptmann sacudiu a cabeça. Ouro é ouro, replicou; êle se referia àquelas moedas.

As perguntas tornaram-se mais incisivas e mais rápidas. Onde estavam as cédulas-ouro restantes? Como as conseguira? Não era verdade que as extorquiria de Charles Lindbergh?

Até então ninguém mencionara o nome de Lindbergh. O nome não perturbou Hauptmann. Êle nada sabia do resgate pago por Lindbergh, disse.

—Para que você queria isto?—perguntou um investigador, exibindo a Hauptmann um caro binóculo alemão. (A polícia achava que quem

efetuara o rapto devia primeiro ter-se ocultado nos bosques vizinhos, à noite, para observar a rotina da casa dos Lindberghs, usando para isso um binóculo de longo alcance.)

Hauptmann quase não deu atenção ao binóculo.

—Eu sou um apreciador da natureza—respondeu.

Pouco mais havia no apartamento que pudesse ser considerado, mesmo de longe, como indício comprometedor. Havia alguns mapas dêses que são distribuídos gratuitamente nos postos de gasolina, entre êles alguns de Nova Jersey, onde viviam os Lindberghs na ocasião do rapto, e de Massachusetts, em cujas águas litorâneas o extorsionário do resgate dissera por escrito que a criança seria encontrada. Mas isso podia ter sido mera coincidência.

Contudo, enquanto as buscas prosseguiam, o agente Sisk notou qualquer coisa de estranho no comportamento do suspeito. Hauptmann permanecia sentado numa atitude de indiferença, mas às vêzes—quando achava que ninguém o observava—erguia-se um pouco na cadeira e olhava pela janela.

Sisk interpelou-o:

—Que é que você está querendo ver, quando lança êses olhares furtivos pela janela?

Os olhos fundos do homem fixaram-se calmamente no agente.

—Nada—respondeu.

Sisk olhou também pela janela. Não se via nada que pudesse despertar interêsse, a não ser a garagem,

Limpa melhor!

ESCÓVA **Tek** É A ÚNICA
ANTI-GERME!*

* CERDAS QUIMICAMENTE TRATADAS IMPEDEM O DESENVOLVIMENTO DE MICRÓBIOS APÓS CADA USO E DURANTE A VIDA NORMAL DA ESCÓVA

a uns 15 metros de distância. Um fio fôra estendido da janela do dormitório ao teto da garagem. Hauptmann explicou que era um sistema de alarma contra roubo que êle instalara para afugentar ladrões que tentassem roubar-lhe o carro à noite. Demonstrou o que dizia apertando um botão ao lado da cama e inundando a garagem de luz.

—É lá que você tem o dinheiro?
—perguntou Sisk.

—Não—respondeu Hauptmann.
—Eu não tenho dinheiro.

Nesse particular, Sisk tinha lá as suas dúvidas. Iniciou-se uma busca na garagem.

No gramado em frente à casa Anna Hauptmann continuava atônita, sem compreender a razão da

quele tumulto em que fôra envolvido o seu lar. Desde o momento em que fôra retirada do quarto, ela respondera a intermináveis perguntas sôbre a sua vida e a que ultimamente Richard vinha levando—o que era muito fácil; mas quando ela por seu turno fazia perguntas, ou lhe davam respostas evasivas ou não lhe respondiam.

Pouco depois do meio-dia ela viu Richard saindo pela porta da frente, algemado entre dois homens. Pôde apenas contemplá-lo, sem lhe falar. Richard mal olhara para ela. Os dois homens e o prêso entraram no carro que estava junto ao meio-fio e o carro partiu.

Anna dirigiu-se a um policial. Para onde levavam seu marido?

Dessa vez responderam: para a delegacia de polícia da Rua Greenwich, no bairro de Manhattan.

Por quê?

O policial abanou a cabeça.

Às duas e meia da tarde outros homens conduziram-na para outro automóvel e disseram-lhe, quando ela perguntou, que iam levá-la para o mesmo lugar.

Hauptmann Agüenta Firme

NA DELEGACIA da Rua Greenwich, escolhida por ser um pouco afastada e pouco freqüentada pela imprensa, o interrogatório de Hauptmann assumiu novo aspecto. Até então êle só fôra acusado de extorsão. Agora a polícia decidiu intensificar o ataque, acusando-o de rapto e assassinio. E

esta acusação foi feita sem rodeios.

No dia 1.º de março de 1932 êle não estivera em Hopewell, Nova Jersey? Não, foi a serena resposta.

Para que mentir? Naquela noite êle estivera na casa de Lindbergh e tirara a criança do berço! Não, insistiu Hauptmann, êle não fizera isso. Êles estavam enganados.

Então, *que fizera* êle na terça-feira, dia 1.º de março?

Hauptmann refletiu um momento. Nesse dia estivera trabalhando no Edifício Majestic em Manhattan. Passara o dia fazendo biscastes; um pouco antes das sete da noite fôra buscar Anna na padaria Frederickson's, no Bronx, onde ela trabalhava. Lembrava-se disso porque tôda terça-feira à noite Anna trabalhava

Tek
LIMPA
MELHOR!
DURA
MAIS!

Johnson & Johnson - O NOME QUE GARANTE QUALIDADE



*David T. Wilentz, promotor público
do Estado de Nova Jersey*

até tarde e êle tinha o hábito de cear com ela no restaurante da padaria. Aquela fôra uma tẽrça-feira como as outras. Ceam juntos, e por volta das nove horas foram para casa, recolhendo-se imediatamente para dormir.

Se êsse alibi fôsse verdadeiro, racionou o Tenente Finn, Hauptmann não poderia ser o verdadeiro raptor, uma vez que a criança fôra raptada entre oito e dez horas daquela noite. Mas haveria tempo, depois, para averiguá-lo. Os inquiridores passaram à segunda parte importante do questionário criminal.

Não era verdade que na noite de sábado, dia 2 de abril de 1932, Hauptmann se avistara com o intermediário autorizado de Lindbergh, o Dr. John F. Condon, no Cemitério de St. Raymond, rece-

bendo das mãos dêle o resgate de 50.000 dólares? Não era êle o homem que se apresentara ao Dr. Condon como sendo "John"?

Não, declarou Hauptmann; nada disso era verdade. Êle se recordava particularmente daquele sábado, porque fôra o seu último dia de trabalho no Majestic, o dia em que êle deixara o emprêgo. Fôra também o primeiro sábado do mês, e à noite seu amigo Hans Kloeppenburg levou o violão para o apartamento e passaram a noite cantando velhas canções alemãs. Era o que invariavelmente faziam no primeiro sábado de cada mês.

E êle não arranjava outro emprêgo depois da primavera de 1932? No entanto pudera mandar Anna em viagem à Alemanha, estivera caçando no Maine, pagara 396 dólares por um rádio—qual era o segredo que lhe permitira gastar tanto sem trabalhar?

Êle especulara na bõlsa, explicou o suspeito.

Uma vez mais os inquiridores mudaram a tática do ataque. Exibiram a camisola de dormir de lã que a criança vestia na noite do rapto e que John na ocasião remetera ao Dr. Condon. Hauptmann abanou a cabeça. Êle nunca a tinha visto.

De repente, um dedo acusador se destacou na roda dos inquiridores e um vozeirão encheu a sala:

—*Você não construiu uma escada e a encostou à parede da casa de Lindbergh, e não subiu por ela para raptar a criança?*

Uma centelha deve ter percorrido o corpo de Hauptmann. Êle estremeceu e agarrou-se aos braços da cadeira. Pela primeira vez sua voz se descontrolou. Quase gritando, êle respondeu:

—*Não!*

—*E você não abandonou a escada e uma talhadeira e assassinou a criança, arrancando-lhe a camisolinha de dormir do corpo?*

—*Não, eu não!*

A sala ficou novamente silenciosa. Hauptmann deixou-se cair para trás na cadeira. Poderiam, por favor, arranjar-lhe um pouco de leite? Foram buscar o leite. Bebeu-o e depois, refeito, ficou à espera de outras perguntas.

Os Investigadores Encontram Ouro

ENQUANTO Hauptmann era interrogado, outros investigadores cuidavam de Anna e revistavam a residência do casal.

Anna não tinha nada da fria disciplina do marido. Submetida a cerrado interrogatório, sua voz refletia o pavor que havia em seus olhos e ela teve certa dificuldade em recordar o que Richard estivera fazendo na noite de 1.º de março de 1932. Mas quando se lembrou, seu depoimento coincidiu com o que prestara Richard, o mesmo acontecendo no tocante ao dia 2 de abril.

Os interrogadores referiram-se ao dinheiro. Tinham-no economizado, explicou Anna, e Richard estava ganhando dinheiro na bolsa.

Ela não sabia que o dinheiro que gastavam era do resgate pago por Lindbergh? Que êle raptara a criança e fôra prêso com parte do dinheiro do resgate?

Anna abriu a bôca num reflexo de puro assombro:

—*Não é verdade! Êle não faria isso!*

Não podia, balbuciou; êles também tinham um filhinho, que Richard amava. As palavras sufocaram-na e ela cobriu o rosto com as mãos, soluçando.

Para o círculo de homens que a interrogavam ela parecia a espôsa alemã típica, que sabe pouco do que faz o marido fora de casa e acredita em tudo o que êle resolve dizer-lhe. Custava crer que a sua surprêsa, as suas lágrimas e o seu ar perplexo fôsem simulados. Mais tarde deixaram-na retirar-se da delegacia, com o compromisso de se encontrar em casa na manhã seguinte.

Ela passou a noite com uma sobrinha que estava cuidando do pequeno Hauptmann. Quando Anna chegou a casa no dia seguinte encontrou por tôda parte sinais de que fôra revolvada: móveis remexidos, o estuque das paredes quebrado, o chão todo sujo. Não tardou que os próprios investigadores parecessem convencidos de que nada encontrariam no apartamento. Anna acompanhou-os à garagem, situada fora do prédio. Viu que também ali a polícia estivera agindo; as tábuas do soalho tinham sido arrancadas.

Duas horas se passaram enquanto

os homens inspecionavam calmamente o soalho, as paredes e o teto. Um dêles arrancou uma tábua da parede, acima da banca de Richard, e soltou uma exclamação de júbilo. Por trás da tábua havia uma prateleira estreita e sôbre ela viam-se dois volumes embrulhados em jornal. Um detective apanhou com cuidado os dois volumes e desembulhou-os. Cada embrulho continha um maço de notas com sinête de ouro.

—Cédulas-ouro de dez dólares!— exclamou o detective.—Do resgate de Lindbergh!

Daí a pouco outro detective encontrava um esconderijo igual, em que fôra ocultada uma lata de goma-laca de quatro litros. Dentro dela havia mais alguns maços de notas embrulhados como os primeiros. Os números de série das notas constavam da relação das cédulas do resgate pago por Lindbergh. Pareceu aos investigadores que quando Richard Hauptmann soubesse daquela descoberta não mais poderia negar que fôra êle quem extorquiria o resgate.

Mas êles subestimavam o indiciado.

Hauptmann não teve a menor manifestação de fraqueza quando lhe mostraram o dinheiro e lhe pediram que o explicasse. Mentira, disse êle, falando com a costumeira calma, porque tivera receio de ser processado por estar guardando ouro, pois sabia que era contra a lei. Mas o dinheiro não lhe pertencia. Era de um amigo chamado Isidor Fisch.

Os inquiridores quiseram saber quem era Isidor Fisch.

Bem, explicou Hauptmann, êle e Fisch tinham sido sócios em negócios de peles. Depois Fisch resolvera especular na bôlsa, mas não fôra feliz—perdera tanto dinheiro que Hauptmann tivera de fazer-lhe dois empréstimos. Fisch não andava bem de saúde, e antes do último Natal arranjara meios para ir visitar os pais na Alemanha. Antes de partir levava algumas das suas coisas para que Hauptmann as guardasse em sua casa até êle voltar.

Hauptmann pusera uma dessas coisas, uma caixa de sapatos amarrada com barbante, na prateleira de um armário e esquecera-se dela até duas semanas atrás, quando, por acaso, descobrira que continha dinheiro. Para proteger o dinheiro, escondera-o na garagem. Depois começara a gastá-lo. Mas, é claro, estava apenas recebendo o que lhe pertencia, porque Fisch ainda não lhe pagara o que lhe devia.

Por onde andava Fisch?

Morrera em Leipzig, informou Hauptmann, havia quase seis meses.

Foi um longo interrogatório, que deixou Hauptmann fatigado. A polícia permitiu que êle repousasse um pouco. No intervalo, tornou-se audível um desagradável ruído. Logo se soube de onde provinha: era de uma multidão enfurecida.

A essa altura, apesar da reserva da polícia, transpirara a notícia de que o principal suspeito no caso Lindbergh estava detido na delega-

cia de polícia da Rua Greenwich. Repórteres e fotógrafos acorreram à delegacia, e, ao entardecer, o tráfico na Rua Greenwich tinha-se congestionado até ficar completamente paralisado. Pelotões de policiais se esfalfavam procurando controlar a turba frenética que queria ajustar contas com o prisioneiro ali mesmo, quem quer que fôsse.

“O Julgamento do Século”

DAVID T. WILENTZ não ignorava a medonha tarefa que ia enfrentar. O jovem e eloqüente promotor de Nova Jersey conquistara o cargo por influência política. Era um homem elegante, equilibrado, de língua afiada, mas ainda não enfrentara um caso de homicídio, nem mesmo um caso criminal. Não obstante, Wilentz conhecia as leis penais.

Em princípios de outubro, em Flemington, Estado de Nova Jersey, sede administrativa de Hunterdon County, onde se dera o rapto, Wilentz denunciou Hauptmann como homicida, pedindo ao júri a sua condenação. Logo se puseram em movimento as engrenagens da extradição, e a 19 de outubro, um mês após sua detenção, Hauptmann era conduzido algemado para a pequena cadeia situada nos fundos do Tribunal de Flemington, onde seria submetido a julgamento como incurso em pena capital.

Umam mil pessoas se aglomeraram para ver a chegada do prêso. Mas essas eram apenas a vanguarda, porque, enquanto se aguardava o dia

do julgamento, mais de 900 telegramas foram recebidos no Hotel União, o único de Flemington, reservando aposentos por todo o tempo do julgamento. Trezentos repórteres de jornais e estações de rádio estavam também a caminho. Donas de casa começaram a preparar os seus cômodos vagos, e em pouco tempo Flemington estava tôda ocupada. Os excedentes tinham de ir hospedar-se em Trenton, a 30 quilômetros de distância.

No outro lado da rua, em frente ao Hotel União, técnicos das companhias telefônicas e telegráficas atropelavam-se dentro do edifício do Tribunal, onde se realizaria o julgamento. Sua tarefa era estender uma rede de fios até uma água-furtada, onde 40 operadores de rádio e telegrafistas se instalariam, uns quase colados aos outros, para transmitir integralmente os depoimentos das testemunhas, quase ao mesmo tempo em que iam sendo prestados. Terminada a tarefa, as companhias telegráficas anunciaram que estavam preparadas para transmitir um milhão de palavras por dia. Repórteres, locutores e colunistas estavam todos de acôrdo num ponto: aquêle seria “o julgamento do século”.

Que espécie de homem causava todo êsse sensacionalismo? Já então os investigadores tinham reunido dados completos sôbre os antecedentes do acusado. Apuraram que, antes de ir para os Estados Unidos, êle infringira várias vêzes as leis do seu país.

O Passado Comprometedor de Hauptmann

As COISAS iam mal naquele Natal de 1918, quando Bruno Richard Hauptmann voltou da guerra—mal na sua cidadezinha natal de Kamenz e mal em tôda a Alemanha. Não havia empregos, os gêneros alimentícios escasseavam e no futuro não se lobrigavam esperanças. Richard tinha apenas 19 anos, mas durante dois anos fôra metralhador, elemento importante de uma classe militar de elite. Agora verificava que já não era mais importante, e resolveu cuidar da própria vida.

Em março de 1919 praticou quatro roubos. No primeiro utilizou uma escada para entrar pela janela de um segundo pavimento na casa do prefeito da cidade. Mais tarde êle e um cúmplice assaltaram à mão armada duas senhoras que empurravam carrinhos de bebê cheios de gêneros alimentícios rigorosamente racionados.

Pouco depois Hauptmann foi prêso, condenado e encarcerado para cumprir uma pena de quatro anos. Em 1923 obteve livramento condicional, e, embora envergonhada, sua mãe viúva acolheu-o em casa. Mas em junho êle tornava a ser prêso por tentativa de venda de objetos furtados. Dois dias depois fugiu e afastou-se de Kamenz com uma última façanha; na manhã seguinte a polícia encontrou as roupas de presidiário de Hauptmann numa trouxa bem feita à porta da prisão. Um bi-

lhete prêso a ela dizia: “Meus cumprimentos à polícia!”

Em Hamburgo, no fim daquele mês, Hauptmann embarcou clandestinamente no *George Washington*, de partida para Nova York, e escondeu-se num porão. Um tripulante descobriu-o dias antes de o navio chegar ao seu destino, e êle realizou a viagem de volta à Alemanha sob a guarda do comandante do navio. Mas, antes de desembarcar em Hamburgo, fêz uma promessa ao comandante: em breve tornaria a viajar com êle.

Um mês depois foi outra vez descoberto a bordo do *George Washington*, ainda no pôrto. Escapou da prisão saltando na água e se escondendo debaixo do *pier* até que o navio partisse. Êle não perdera a determinação de emigrar como clandestino, e por incrível que pareça logrou êxito na terceira tentativa. Em novembro de 1923, disfarçado e exibindo um cartão de desembarque furtado, Richard Hauptmann desceu a escada de bordo e encontrou-se triunfante na cidade de Nova York.

Progrediu rapidamente no Nôvo Mundo, passando em poucos meses de lavador de pratos a carpinteiro. Havia um grande surto de construções e não tardou que êle ganhasse uma média de 50 dólares por semana. Depois, na primavera de 1924, êle conheceu Anna Schoeffler, uma môça alemã muito trabalhadeira que chegara à América meses antes. Casaram-se no outono seguinte.

Nos primeiros anos de vida conjugal os Hauptmanns prosperaram. Seus hábitos eram simples e equilibrados, e, quando se mudaram para o Bronx (onde Anna passou a trabalhar como garçonete), viram que quase poderiam viver só com o que ela ganhava. Richard ganhava então 90 dólares por semana, e as economias do casal aumentavam.

Mas em 1931 sobreveio a crise das construções. Não havia trabalho para carpinteiros e as dificuldades persistiram no ano seguinte. De repente, em abril de 1932, Hauptmann fêz uma revelação dramática à espôsa: ia deixar o emprêgo; descobrira um meio infalível de ganhar dinheiro na bôlsa de Wall Street.

Nos meses seguintes, com surprêsa

e alegria de Anna, pareceu que a predição de Richard se realizara. O casal passou inesperadamente a gozar de certo luxo e sua casa encheu-se de equipamentos novos. Houve até dinheiro bastante para Richard mandar Anna fazer uma viagem à Alemanha. Hauptmann não poderia ir, é claro. Ainda estava sendo procurado pela polícia de Kamenz, mas Anna prometeu visitar a sogra e ver se havia um jeito de arquivar as acusações contra êle.

Quando Anna voltou da viagem, em fins de 1932, trazia boas novas. Um advogado de Kamenz dissera-lhe que dentro de um ano a ação penal estaria prescrita, a ameaça de prisão desapareceria e Richard poderia visitar a mãe sem receio.



No ano seguinte os Hauptmanns tiveram o primeiro filho. Bubi, como foi apelidado, era uma criança perfeitamente feita, loura, de olhos azuis. Nas cartas que lhe mandava da Alemanha, a mãe de Richard pedia-lhe que fosse a Kamenz. Ela ia fazer 70 anos, dizia, e estava ansiosa para conhecer o neto. No verão de 1934 Richard escreveu-lhe dizendo que ela os esperasse pelo Natal.

Mas não iria efetuar a prometida viagem; semanas depois era preso sob a acusação de rapto e homicídio.

O Elegante Advogado de Defesa

Se as PROBABILIDADES de Hauptmann livrar-se dessas acusações pareciam mínimas para a maioria dos

defensores, não havia quem se oferecesse para defendê-lo. Até que um advogado de defesa famoso e ardoroso, espertos e famosos advogados de defesa dos Estados Unidos, concordara em patrocinar a causa de Hauptmann, quando um jornal de Nova York se ofereceu para pagar parte dos honorários em troca do direito de publicar com exclusividade a história dos Hauptmanns. Desde o princípio Reilly, conhecido como "Big Ed", manteve-se firme convicção de que seu constituinte era inocente.

Alto, barrigudo, o grande rosto permanentemente afofocado, Reilly acreditava em tirar-se bem como meio de transmitir a impressão de grande prosperidade. No Tribunal

ALGO DE NOVO ACONTECEU NO SEU SABONETE LEVER!

CLAIRE BLOOM AFIRMA: "EU ADORO A ESPUMA CREMOSA E AVELUDADA DO NOVO LEVER!"



Ao usar o Novo Lever, sinta sua pureza... Faça a sua rica espuma cosmética envolver generosamente seu corpo e você saberá: Novo Lever está realmente diferente!

NOVO LEVER

-PREFERIDO POR 9 ENTRE 10 ESTRELAS DO CINEMA!

* Conhecido nos EE. UU. e na Europa com o nome de LUX

CLAIRE BLOOM,
estrela de
"Até o último
obstáculo!"

apresentava-se invariavelmente de paletó escuro, cravo branco na lapela, calça cinza listada e polainas. Sua voz era impressionante: blasonava e fustigava, enchia-se de bonomia e rugia de cólera. Muitas vezes, quando saía do Tribunal, Reilly encontrava uma turba de admiradores à sua espera na rua. Aos 52 anos já defendera numerosíssimos constituintes, quase todos réus de homicídio, e era impressionante a quantidade de absolvições que conseguira.

Nesse caso, porém, nem êle nem os seus assistentes estavam satisfeitos com a atitude do cliente. Hauptmann parecia viver atrás de um escudo. Seu alheamento a tudo e a sua fria superioridade eram irritantes. Frequentemente êle se recusava a responder a algumas das perguntas mais importantes que lhe faziam os seus advogados. Em tudo o que deixou transparecer, ao cabo de várias entrevistas, sobressaía uma inabalável insistência na declaração da sua inocência.

Não obstante, Reilly achava que poderia sustentar uma boa defesa em favor de Hauptmann. Seus antecedentes penais na Alemanha poderiam ser atribuídos à inquietação geral daquele período, ao brutal papel que a guerra o obrigara a representar sendo ainda jovem, à pobreza de sua família, à ameaça de fome que pairava sobre o país. Não era inegável que durante 11 anos de permanência na América êle nem uma vez infringira seriamente as

leis? Não estavam os seus conhecidos prontos a testemunhar as suas qualidades de bom marido e pai amoroso, de bom vizinho e cidadão consciencioso e morigerado? *Êle . . . culpado do rapto e da morte de uma criança?*

É verdade que os indícios da sua culpabilidade eram muitos e comprometedores, mas eram na maioria provas meramente circunstanciais, que poderiam ser destruídas. E se se provasse, como Hauptmann afirmava, que fôra Isidor Fisch quem lhe entregara o dinheiro do resgate? Nesse caso as provas passariam a ser favoráveis à defesa.

Edward Reilly aguardava o início do julgamento com a mais absoluta confiança.

Começa o Julgamento

O JULGAMENTO de Richard Hauptmann duraria 32 dias, mas alguns de seus momentos mais dramáticos ocorreram nas primeiras horas. O salão do Tribunal estava repleto quando o promotor público Wilentz se levantou para formular a denúncia inicial. Umas 500 pessoas lotavam os lugares reservados ao público e muitas outras, ocupando todo o espaço restante, acotovelavam-se nas entradas, nas passagens entre as fileiras dos bancos e nas reentrâncias das janelas. Hauptmann estava sentado entre dois guardas, atrás da bancada da defesa. Não longe dêle sentavam-se Charles e Anne Lindbergh, acompanhando atentamente a ação de Wilentz.



Juiz Thomas W. Trenchard

Num tom de voz claro, mas enérgico, o jovem promotor público fêz a acusação. No dia 1.º de março de 1932 Charles Augustus Lindbergh, Jr., fôra assassinado, disse, e seu assassino estava ali sentado perante o Tribunal. A Justiça Pública provaria que Hauptmann sòzinho cometera o crime.

—Êle entrou na residência dos Lindberghs com a intenção de raptar a criança—afirmou Wilentz, alteando a voz.—E raptou-a. Depois, quando saía pela mesma janela e descia a escada que levara, esta partiu-se, e êle caiu com a criança.

A queda, sustentou Wilentz, causara a morte imediata da criança.

A multidão notou que Anne baixara a cabeça. Hauptmann, porém, continuou como estava, de braços cruzados: era como se as palavras da acusação não houvessem sequer atingido a superfície de sua calma.

Wilentz descreveu a cena passada fora da casa de Lindbergh—Hauptmann jogando a escada para um lado, arrancando do corpo da criança a camisolinha e depois cavando uma pequena cova para o cadáver no bosque próximo. Apressando o ritmo, o jovem acusador rememorou as horas, os dias e os meses que se seguiram, destacando as negociações do resgate, de que participara o Dr. John F. Condon como representante de Lindbergh, a entrega do resgate pròpriamente dito,

o bilhete intencionalmente falso, mediante o qual se indicava aos Lindberghs onde poderiam recuperar o filho. E terminando:

—E Lindy, que era capaz de achar uma agulha no fim do mundo, não pôde achar o filho porque Hauptmann o assassinara!—E, com voz pausada e medida, concluiu:—Pedimos a pena de morte para o réu, por homicídio doloso.

Quando Wilentz se sentou, finda a acusação, Edward Reilly ergueu-se. Permaneceu alguns momentos em silêncio—imponente, imaculado, de flor na lapela. Depois levantou a preliminar de que Wilentz tentara influenciar os jurados com o calor da sua acusação.

O Juiz Thomas W. Trenchard, velho magistrado que presidia o julgamento, nos seus 28 anos de magistratura jamais tivera uma sen-

tença reformada em caso de homicídio. Sua decisão veio rápida:

—Rejeito a preliminar.

Wilentz podia prosseguir. Sua primeira testemunha, um engenheiro civil, preparou sôbriamente a cena, descrevendo com minúcias a casa de Lindbergh. Em seguida Wilentz pediu o depoimento de Anne Lindbergh.

Ouviu-se um sussurro na sala quando Anne prestou o juramento. A assistência notou-lhe a palidez e os movimentos nervosos dos dedos. Calmamente Wilentz pediu-lhe que rememorasse a noite do rapto. A certa altura ela descreveu o filho. Tinha os cabelos louros, disse, e olhos azuis.

—Os cabelos eram cacheados?—quis saber Wilentz.

Anne baixou a cabeça e apertou fortemente as mãos. Respondeu com voz apagada:

—Eram cacheados.

Wilentz exibiu um pequeno enxoval de criança—uma camisola de dormir de flanela, uma camisinha de lã sem mangas, um macacão de dormir. Uma por uma, Anne foi identificando as peças como sendo de seu filhinho. Na assistência houve quem pensasse que ela atingira o limite da sua resistência e que de um momento para outro ia prorromper em pranto. Mas Anne não chorou.

Quando Wilentz terminou as suas perguntas, Reilly tornou a levantar-se. Sua voz era delicada.

—A defesa respeita o sentimento

da Sr.^a Lindbergh, e não tem necessidade de fazer perguntas—disse.

Lindbergh Depõe

CHARLES LINDBERGH, a testemunha de acusação seguinte, aproximou-se da cadeira das testemunhas com seus passos largos, gingando um pouco. Era famoso o autodomínio do jovem ídolo, e isso tornou-se evidente na voz firme e clara com que êle respondeu às perguntas iniciais. Na manhã do segundo dia do julgamento Wilentz fêz perguntas a respeito da noite da entrega do resgate, em que Lindbergh esperara no automóvel estacionado perto do Cemitério de St. Raymond, enquanto o Dr. Condon ia ao encontro do extorsionário que dizia chamar-se John.

—Ouvi uma voz que vinha do cemitério chamando o Dr. Condon.

—Que dizia ela?—perguntou Wilentz.

—“Eh, doutor!” e tinha um sotaque estrangeiro—assinalou Lindbergh.

—Depois disso tornou a ouvir essa mesma voz?

—Tornei—respondeu Lindbergh referindo-se a uma visita que fizera ao gabinete do promotor público, no Bronx, pouco depois da prisão de Hauptmann. Fôra lá disfarçado, para que Hauptmann não o pudesse reconhecer, e ficara ouvindo o prêso repetir uma porção de vêzes as palavras: “Eh, doutor.”

—De quem era a voz, coronel?—insistiu Wilentz.

—Era a voz de Hauptmann—respondeu Lindbergh categórico.

E pela primeira vez olhou diretamente para o réu. Pareceu a alguns, na multidão de assistentes, que a pele descorada de Hauptmann enrubescceu ligeiramente sob um fluxo lento de sangue.

Quando chegou a vez da reinquirição pela defesa, Reilly percebeu que estava diante da tarefa nada invejável de atacar não só uma importante testemunha, mas também um homem famoso e admirado. Não se notou nêle, contudo, o menor sinal de hesitação quando se dirigiu para o lugar das testemunhas.

Ao admitir os criados para a nova residência de Hopewell, perguntou Reilly, que indagações fizera Lindbergh a respeito dos antecedentes dêles? Lindbergh respondeu que conversara com cada um dêles durante meia hora mais ou menos.

—Fêz mais alguma indagação além disso?

—Além disso—respondeu Lindbergh com firmeza—não cuidei de indagar mais nada.

Prosseguindo nas perguntas, Reilly conduziu o interrogatório a um ponto vital. Quando Lindbergh e a esposa estavam sentados na sala de jantar, na noite do crime, do lugar em que se encontravam nenhum dos dois podia ver a escada dos criados, podia? Lindbergh respondeu que não.

—Se houvesse um empregado desleal em sua casa—indagou Reilly—não seria possível a uma pessoa tirar

a criança do berço e entregá-la a alguém no pátio da garagem, enquanto ambos jantavam?

—Teria sido possível . . .

Reilly insistiu. Os Lindberghs levavam uma vida muito retirada, de sorte que a criança não estava acostumada a estranhos, mas apenas aos pais, aos criados, à sua ama, Betty Gow, e talvez a outras poucas pessoas, não era verdade? Lindbergh confirmou com a cabeça.

E não tinham ouvido qualquer choro no dormitório da criança naquela noite? Que êle soubesse, não, respondeu Lindbergh.

Quando Betty Gow comunicou o desaparecimento da criança, perguntou Reilly, ela o fêz com histerismo?

—Não.

Chorando?

—Creio que não.

Olhando para os jurados, Reilly deixou que o seu silêncio significativo falasse por êle, talvez mais alto do que as suas palavras: se Betty Gow houvesse retirado a criança do berço, esta evidentemente não choraria. Nos braços protetores da própria ama ela não choraria!

Pela primeira vez um dedo desconfiado apontava para outra pessoa que não Hauptmann. Era uma estratégia que Reilly iria usar repetidas vêzes no decurso do julgamento. De fato, êle tornou a experimentá-la poucos minutos depois, quando passou às conseqüências imediatas do rapto. O Dr. Condon escrevera ao *Home News*, jornal do Bronx, oferecendo-se para agir como

*-tranquilidade
para a mamãe...*

MELHORAL INFANTIL



*combate a dor
e o resfriado,
baixa a febre
e reanima
a criança*

Fórmula especial - Criado para o delicado organismo da criança, Melhoral Infantil tem um sabor delicioso, levemente adoçado, bem ao gosto de todas as crianças.

Dose certa - Já vem no tamanho e na dose exata para a idade de seu filhinho. Não precisa partir o comprimido. Pode ser dado com água ou com a comida.

*Tenha sempre em casa
uma caixinha de*



Melhoral

(USO INFANTIL)

intermediário nas negociações do resgate; pouco depois recebera uma carta com a mesma assinatura do bilhete do resgate. Não ocorrera a Lindbergh que o idealizador do crime pudesse ter inserido o apêlo no jornal e escrito êle mesmo a resposta?

Até então Lindbergh não deixara transparecer em sua voz os próprios sentimentos, mas dessa vez falou com visível aversão à pergunta:

—Acho isso inconcebível sob todos os pontos de vista.

Mas Reilly não se deu por achado. Não era verdade, continuou, que depois disso, em todos os acontecimentos importantes, o Dr. Condon agira sozinho? Por exemplo: na noite do pagamento do resgate o Dr. Condon não fôra ao Cemitério de St. Raymond sozinho e dissera ter conversado ali com alguém? Voltara depois, levara os 50.000 dólares e tornara a ir... sempre sozinho?

—Sim, êle foi só—disse Lindbergh.

E depois voltou sem o dinheiro, mas com outro bilhete! O rosto vermelho e expressivo de Reilly manifestou aos jurados o absurdo de tudo aquilo.

Antes de terminar a reinquirição, Reilly insistiu na sua técnica de afastar as suspeitas da pessoa de Hauptmann, levantando dúvidas sobre outras pessoas envolvidas no caso. Fêz algumas considerações a respeito de Henry Johnson; "Red", como era conhecido o namorado de Betty

Gow, que a visitara na noite do rapto. Nessa altura, ponderou Reilly, Johnson vivia no estrangeiro.

—Por acaso foi tomada pela Justiça Pública alguma providência para que Johnson voltasse?—perguntou.

—Que eu saiba, nunca se cogitou disso—respondeu Lindbergh.

Com um gesto pomposo, Reilly deu a entender que estava satisfeito. Teria oportunidade de informar-se melhor a respeito de “Red” Johnson quando a acusação convocasse a testemunha Betty Gow.

Reilly Apresenta a Sua Versão do Crime

No DIA 7 de janeiro, segunda-feira, na segunda semana do julgamento, Betty Gow ocupou a cadeira das testemunhas. As insinuações diretas de Reilly atingiram-na em cheio, mas ela não titubeou ante os olhares atentos da assistência. Respondeu calmamente às perguntas de Wilentz sobre o que acontecera pouco antes do crime, descrevendo os seus cuidados rotineiros de preparar a criança para dormir, colocá-la no berço, permanecendo no quarto até vê-la adormecida, por volta das oito horas.

Depois ela jantara com os criados e conversara com eles até quase dez horas, quando tornara a subir para ir ao quarto da criança. Como era seu hábito, não acendera a luz para não despertá-la.

—Caminhei diretamente para o berço, inclinei-me, apoiando as mãos na grade, e...

Eu também uso
MAIZENA
e toda a família aprova!



EXPERIMENTE ÊSTE DELICIOSO BÔLO SALGADO



Em uma vasilha, coloque 3 gemas, 1 colher (sobremesa) de sal e 1/2 tablete de margarina. Bata bem e acrescente 3 xícaras de farinha de trigo, 1 1/2 xícara de “Maizena”, 1 xícara de óleo “Mazola”, 1 xícara de queijo ralado, 1 1/2 copo de leite, 1 colher (chá) de açúcar e 2 colheres (sopa) rasas de fermento em pó. Junte, por último, 3 claras em neve. Coloque na fôrma untada: uma camada de massa, uma camada de sardinhas em suco de tomate (lata de 470 g), 8 tomates bem maduros cortados em fatias, 6 ovos cozidos cortados em rodelas e pimenta-do-reino a gosto. Cubra tudo com outra camada de massa e polvilhe com farinha de rosca. Enfeite com azeitonas e leve ao forno quente, durante 40 minutos.

Outras excelentes sugestões você encontrará no “Meu Livro de Receitas”. Se ainda não o tiver, peça-o hoje mesmo.

Amido de Milho MAIZENA
Caixa Postal 8006 — São Paulo
Peço enviar-me GRÁTIS o “Meu Livro de Receitas”

Nome
Rua Zona Postal
Cidade Estado



MAIZENA é um produto de REFINAÇÕES DE MILHO, BRAZIL



Hauptmann (à direita) e seu advogado, Edward J. Reilly

Começava a faltar-lhe a voz, que saía aos arrancos; ela teve de fazer uma pausa.

—... percebi que não ouvia a respiração da criança. Inclinei-me um pouco mais e apalpei todo o colchão, procurando-a, e verifiquei que não estava ali...

Reinquirindo-a, Reilly concentrou-se no dia do crime: uma terça-feira. Habitualmente os Lindberghs passavam apenas os fins-de-semana na sua casa de Hopewell; durante a semana costumavam ficar na casa da mãe de Anne, a Sr.^a Dwight Morrow, em Englewood. Mas no fim-de-semana anterior ao crime seu filho contraíra um resfriado e na segunda-feira a Sr.^a Lindbergh telefonara a Betty, que permanecera na casa dos Morrrows, avisando-a de que decidira continuar em Hope-

well. Na terça-feira tornou a telefonar e pediu a Betty que fôsse para Hopewell.

Depois do telefonema da segunda-feira, perguntou Reilly, dissera Betty a Henry Johnson que a criança e a Sr.^a Lindbergh continuariam em Hopewell?

Sim; ela saíra com Johnson na noite de segunda-feira e então lhe falara naquela modificação nos planos da família.

Na pergunta seguinte a voz de Reilly parecia a de um sargento instrutor dando ordens: cêrca das oito e meia de terça-feira, a noite do crime, ela recebera um telefonema de Johnson?

Betty não se amedrontou com o vozeirão do advogado e respondeu enfática:

—Recebi.

Mas, ainda na véspera, ela estivera com êle à noite, observou Reilly. Seria necessário tornarem a conversar na noite de terça-feira? Não bastara a despedida da noite de segunda-feira?

—Não—gritou Betty.—Não bastara!

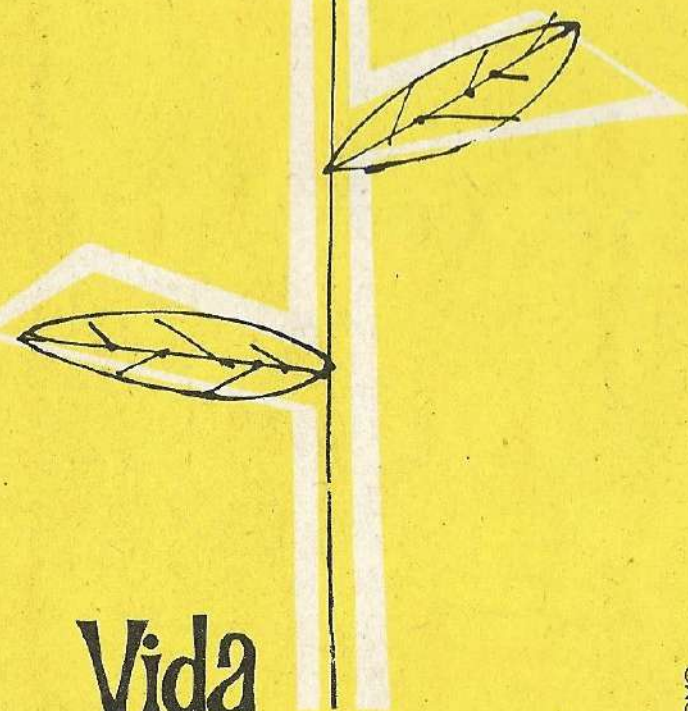
Pela primeira vez Reilly usou tôda a fôrça dos seus pulmões de cantor de ópera: *Ou a verdade é que Johnson telefonara para saber se o campo estava livre?*

As palavras proferidas num vozeirão medonho dispensavam a ênfase, mas Reilly sublinhou-as encarrando os jurados com um ar triunfante. A assistência começou a murmurar, e o Juiz Trenchard exigiu silêncio enèrgicamente.

Prosseguindo na mesma tecla, Reilly fêz ainda estas considerações: a criança estava resfriada; e no entanto Betty não fôra uma única vez ao quarto dela, das oito horas, quando a deixara adormecida, até às dez, quando dera pelo seu desaparecimento. Seria aquêle o comportamento normal de uma ama dedicada? Ou ela se mantivera afastada do quarto da criança como parte da conspiração?

Apesar das calorosas negativas de Betty, a insinuação ficara, e Wilentz fêz o possível para anulá-la depois que Reilly terminou. Reinquirindo-a, demonstrou que as relações entre Betty Gow e Henry Johnson tinham sido honestas; eram ambos jovens, gostando muito um do outro, tendo-se conhecido naturalmente.

Quando agradeceu a Betty a sua cooperação, ajudando-a a descer da bancada das testemunhas, nada na atitude de Wilentz deixava transparecer a sua perturbação. Mas o jovem promotor não gostou da versão que Reilly estava procurando dar ao caso, isto é, que o rapto fôra praticado por alguém de dentro. Era preciso que o dedo acusador voltasse a apontar para Hauptmann.



Vida
mais bonita
il com
iluminação
PHILIPS

PROMO



* A lâmpada Philips Argenta, de bulbo opalino, proporciona luz suave e sem sombras - e não custa mais.

LÂMPADAS PHILIPS - MELHOR NÃO HÁ.

A Formação da Culpa

A MAIORIA das provas eram circunstanciais, mas, pouco a pouco, Wilentz começou a expor elementos probatórios que acreditava seriam esmagadores. Quando circulou a notícia de que êle chamara a depor o Dr. John F. Condon, que milhões de pessoas conheciam como "Jafsie", o pseudônimo por êle usado nas suas comunicações com o raptor, houve uma nova onda de agitação. Naquela noite umas 200 pessoas ficaram em vigília nas imediações do tribunal, e ao amanhecer uma multidão de 1.000 pessoas aguardava o momento de ouvir o depoimento do enigmático professor do Bronx.

Vencendo rapidamente as perguntas preliminares, Wilentz reconduziu a sua testemunha à noite de 2 de abril de 1932. Por volta das oito horas daquela noite saíra o Dr. Condon de automóvel com o Coronel Lindbergh?

Sim. Orientados pelos bilhetes do raptor, tinham ido parar no Cemitério de St. Raymond. No interior do cemitério Condon encontrara-se com John, o homem que lhe mandara pelo correio a camisola de dormir da criança raptada. Condon entregara a John uma caixa de madeira contendo os 50.000 dólares do resgate.

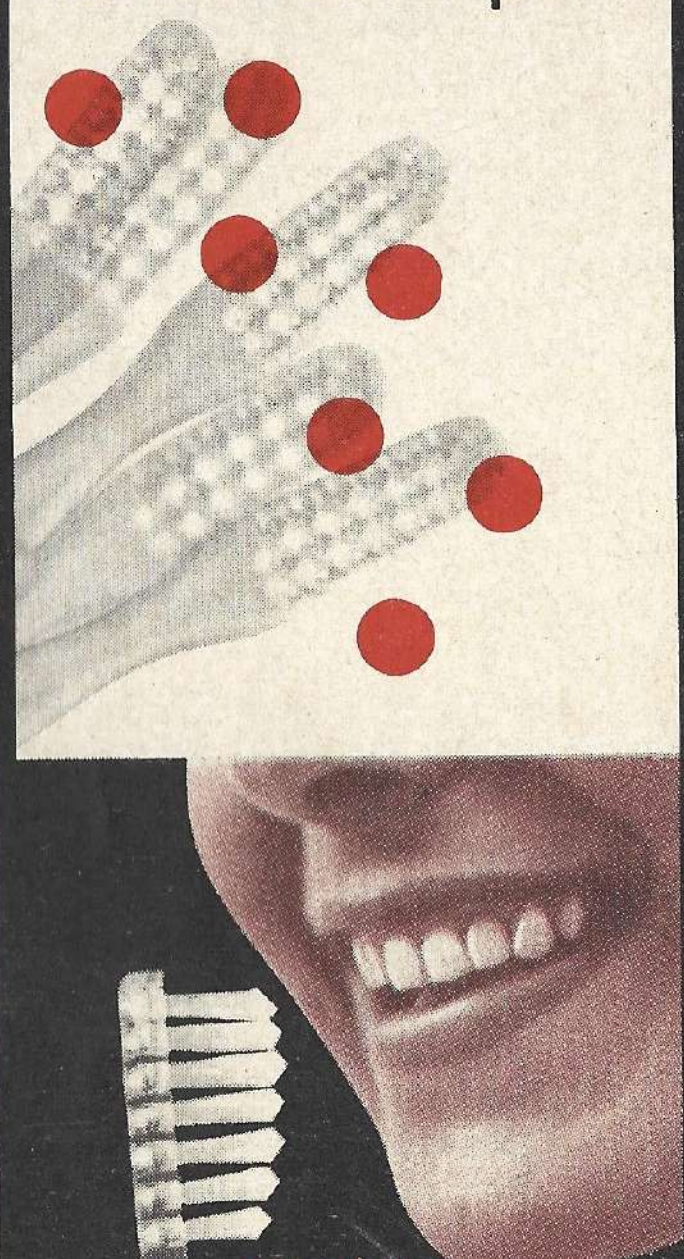
Wilentz fêz uma pequena pausa. Depois, quase casualmente, fêz uma pergunta incisiva:

—Quem é John?

Numa voz carregada de convic-

A ESCÓVA QUE

Limpa onde outras não limpam!



ESCÓVA

Kolynos

- moderno formato anatômico
- dura mais e não deforma
- cerdas de nylon científicas, sem arestas.

ção, pronunciando distintamente as sílabas, Condon respondeu:

—John é Bru-no Rich-ard Hauptmann!

O vozerio da multidão quebrou o silêncio do tribunal, e o Juiz Trenchard restabeleceu a ordem. Na água-furtada, os fios telegráficos palpitavam com as notícias para as manchetes da noite: JAFSIE RECO-NHECE HAUPTMANN.

Mesmo assim, Wilentz não se deu por satisfeito: o reconhecimento definitivo de Hauptmann era um ponto de vital significação e tinha de ser absolutamente insofismável. Esforçando-se ao máximo para que assim fôsse, perguntou a Condon se êle havia descrito a pessoa de John à polícia, depois que a criança fôra encontrada morta.

Descrvera-a, sim, respondeu Condon—e uma vez mais repetiu a descrição que tantas vêzes já fizera: os cabelos de um louro fôsko, olhos encovados, malares salientes, bôca pequena e o queixo pontudo, tez pálida e sotaque carregado.

Os jurados olharam para Hauptmann. A descrição era perfeita. E Condon a fizera, sublinhou Wilentz, mais de dois anos antes da prisão de Hauptmann.

A reinquirição feita por Reilly foi implacável, mas não logrou abalar o reconhecimento feito com firmeza pelo velho professor. Wilentz conseguiu fazer as coisas retomarem o curso desejado, e tratou de apertar ainda mais a rêde em volta do acusado.

No dia seguinte êle chamou a depor um funcionário do Tesouro dos Estados Unidos que declarou que nem uma única cédula do resgate aparecera em circulação depois da prisão de Hauptmann. O Dr. Albert Osborn, um dos maiores grafólogos da América, afirmou que a prova de que Hauptmann redigira os bilhetes referentes ao resgate era “irresistível, irrefutável e esmagadora”. Sete outros grafólogos o apoiaram.

Notas Numa Porta de Armário

WILENTZ continuou sustentando a sua acusação, produzindo novas e dramáticas provas e testemunhos. No dia 16 de janeiro, quarta-feira, êle exibiu ao tribunal uma tábua e pediu a Henry Bruckman, chefe da divisão de detectives do Bronx, que explicasse a significação.

A tábua fôra encontrada no apartamento de Hauptmann, declarou Bruckman. Fôra tirada da parte interna de um armário do corredor, acima da porta, e nela havia duas anotações a lápis: Decatur 2974 e SEDG 3-7154. A primeira era o enderêço do Dr. Condon e a segunda o número do telefone dêle.

Não era isso uma prova de que Hauptmann tinha relações com o Dr. Condon?

Como lhe perguntassem por que anotara aquêles números num lugar tão escuro, Hauptmann respondeu que com certeza vira o enderêço e o número do telefone em algum

jornal ao mudar os papéis das prateleiras do armário. Como todo o mundo, êle se interessara pelo caso Lindbergh—e devia ter anotado os algarismos na tábua. A explicação era pouco convincente.

Quando o julgamento entrou na sua quarta semana, Wilentz chamou a depor o funcionário do Tesouro William Frank. Hauptmann mantinha minuciosa escrituração da sua situação financeira em vários cadernos que a polícia encontrara na casa dêle. Antes do julgamento, Frank examinara os cadernos página por página, interrogando Hauptmann sôbre as suas posses, despesas e negócios de compra e venda de ações.

O exame revelou alguns pontos significativos. A partir da data do pagamento do resgate, os Hauptmanns tinham evidentemente ficado ricos. Haviam gasto milhares de dólares em caçadas, viagens de recreio, a compra de um rádio de alto preço e de uma canoa. Uma minuciosa análise das finanças de Hauptmann não revelou rendas que pudessem explicar tal prosperidade. A quantia de 14.600 dólares em cédulas do resgate fôra encontrada na garagem de Hauptmann. Acrescentando essa importância ao total das despesas feitas pelo casal desde o pagamento do resgate, obteve-se um total de US\$49.950,44 em despesas que não tinham receita correspondente na escrituração. Como êsse total se aproximava dos 50.000 dólares pagos como resgate, com a diferença de poucos dólares, o funcionário do

Tesouro declarou que, presumivelmente, era o dinheiro do próprio resgate.

Quem sabe, porém, se Frank não levava devidamente em conta os lucros de Hauptmann na bôlsa de valores? Não, respondeu Frank, êle não se enganara; a escrita revelara que no cômputo final as operações de Hauptmann na bôlsa lhe tinham causado prejuízo.

No mesmo dia, segunda-feira, 21 de janeiro, Wilentz apreciou os alibis de Hauptmann, com referência à data do rapto e à entrega do resgate. Em ambos os dias, pelo que dissera à polícia, Hauptmann estivera trabalhando no Majestic, um edifício de apartamentos na Cidade de Nova York. Porém Edward Morton, apontador dos operários que trabalhavam na construção do edifício, discordou dêle. Suas anotações mostravam que Hauptmann só passara a trabalhar ali três semanas depois do rapto; e também que, em 2 de abril, dia do pagamento, êle faltara ao serviço.

A Tábua do Sótão dos Hauptmanns

WILENTZ chegou então ao ponto culminante da sua acusação. No dia 22 de janeiro êle pediu ao Juiz Trenchard que lhe fôsse permitido exhibir como prova a escada usada para o rapto. Seria o arremate da peça acusatória; se pudesse colocar firmemente a escada nas mãos de Hauptmann, êle sabia que a acusação estaria bem sustentada.

Autógrafos famosos...

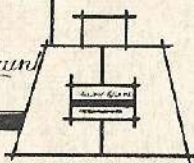
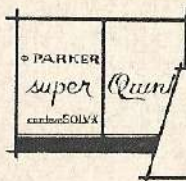
Santos = Dumont

Assinatura de Alberto SANTOS DUMONT.
Brasileiro. Pai da Aviação.

Também na vida comum a ciência vem criando novas formas de conforto e eficiência. Um exemplo é a nova tinta de escrever SUPER QUINK, que dá maior fluidez... garante escrita mais fácil, legível, segura! Em 8 lindas cores, SUPER QUINK é mais brilhante. E contém SOLV-X, que limpa e protege a caneta à medida que escreve.



TAMBÉM EM TAMANHO ECONÔMICO PARA COLEGIAIS



PREÇOS

30 cm ³	—	Cr\$ 60,00
59 cm ³	—	Cr\$ 75,00
473 cm ³	—	Cr\$ 350,00
946 cm ³	—	Cr\$ 600,00

Tinta de escrever

⊕ PARKER

super Quink



Distribuidores exclusivos para todo o Brasil:
COSTA PORTELA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.
Av. Pres. Vargas, 435 - 8.º — Rio

A defesa opôs-se, alegando que a escada fôra desmontada e montada de novo, já não se podendo dizer que era a mesma encontrada no quintal de Lindbergh; mas Trenchard decidiu que a escada podia ser exibida, e preparou-se assim o ambiente para o depoimento de Arthur Koehler, perito em madeiras, que num prodígio de investigação descobrira que uma das pernas da escada fôra comprada num madeireiro do Bronx, perto da residência de Hauptmann.

Depois da prisão de Hauptmann, declarou Koehler, êle conseguira mais algumas provas impressionantes. Uma das partes laterais da escada—a peça número 16, como fôra designada—sem a menor dúvida fôra feita de uma tábua tirada do sótão de Hauptmann.

Ao primeiro exame da escada, prosseguiu Koehler, êle notara que a peça número 16 tinha quatro orifícios de pregos de tipo antigo, quadrangulares. Os orifícios não tinham ferrugem, o que indicava não ter sido a tábua exposta ao tempo. Além disso, eram espaçados irregularmente, variando em profundidade, assim como em ângulo de penetração na madeira. Aos olhos experimentados de Koehler, os quatro orifícios formavam um desenho ímpar, que não poderia ser reproduzido por acaso; se fôsse encontrada uma segunda peça de madeira que tivesse orifícios formando exatamente o mesmo desenho, *tinha* de ser a madeira à qual esta parte estivera

anteriormente ligada. E Koehler encontrara aquêles desenho num dos barrotes do soalho da casa de Hauptmann. Para certificar-se sem sombra de dúvida, êle retirara quatro pregos quadrangulares de uma parte do barrote ainda no lugar e enfiara-os nos orifícios da peça da escada, batendo-os de leve com o polegar. Um por um os pregos entraram sem esforço na madeira até suas cabeças ficarem rentes com a superfície da peça.

Poderia existir alguma dúvida de que a peça da escada estivera antes pregada no barrote do sótão? Se pudesse, êle tinha ainda outras provas. Tanto a tábua arrancada do soalho como a peça da escada eram de pinheiro-amarelo; apresentavam ambas o mesmo número de anéis que indicam os anos de crescimento da árvore e suas fibras combinavam.

—Mas a parte lateral da escada não é da largura da tábua do sótão —observou Wilentz.—Poderia explicar isso?

Koehler explicou que ambas as bordas da peça tinham sido aplainadas com uma plaina de mão—ou, mais precisamente, com uma plaina que fôra encontrada na garagem de Hauptmann.

Como é que êle sabia disso?

—Porque quando aplaino madeira com essa plaina ela deixa sulcos do mesmo tamanho e com os mesmos intervalos dos que aparecem na perna da escada.

A pedido de Wilentz, Koehler fêz uma demonstração. Sob os olhares

INSUPERÁVEIS OS MODERNOS ELETRO-DOMÉSTICOS

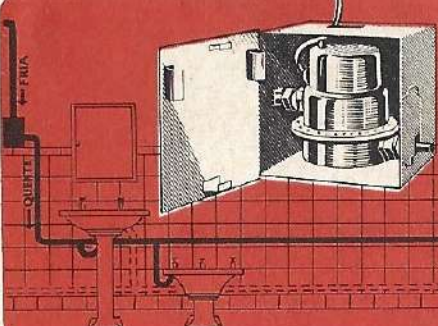
LORENZETTI



**Chuveiro
LORENZETTI**
O melhor. O legítimo.
De grande jato. 100%
automático. 110-220 V.



**Torneira
LORENZETTI**
Água quente ao abrir
a torneira. Cromada e
elegante. Econômica.



**Aquecedor
LORENZETTI**
Substitui o aqueci-
mento central com
grande economia.
Embutido ou não.
Aquece rapidamente.



**Superbomba
LORENZETTI**
Especial para poços
profundos até 50 m.
Toda blindada e ino-
xidável. Econômica e
garantida. 110-220 V.

Fabricados e
garantidos pela
maior fábrica de
material elétrico
da América do Sul.

INDÚSTRIAS BRASILEIRAS ELETROMETALÚRGICAS S. A.

S. Paulo - Av. Pres. Wilson, 1230 - Cx. P. 2582 - Fones: 32-9271 - 33-2794
Rio de Janeiro: R. Ubaldino Amaral, 95 - Fone: 32-5765

Representantes em tôdas as capitais dos Estados. Consulte as listas telefônicas locais.



VENDEDORES E VIAJANTES

Ampliando nossa equipe de colaboradores, oferecemos a Vendedores e Viajantes uma excelente oportunidade para ganhar polpudas comissões.

A promoção de Folhinhas Scheliga, de grande aceitação e com clientela antiga, nas principais praças, é uma ocupação que proporciona rendimentos extras, numa época em que o dinheiro nunca é demais!

ESCREVA PARA

**FOLHINHAS
SCHELIGA S. A.**
CAIXA POSTAL, 1943
SÃO PAULO

atentos dos jurados, passou a plaina de Hauptmann numa outra tábua de pinho, tirando uma longa fita. Depois cobriu a tábua com um pedaço de papel fino e esfregou a superfície com um lápis, produzindo uma impressão clara das marcas da plaina. Em seguida repetiu a operação com outra fôlha, reproduzindo as marcas deixadas pela plaina na parte lateral da escada.

Por fim Wilentz exibiu os pedaços de papel aos jurados. Os desenhos de ambos eram exatamente iguais.

Quando a sessão foi suspensa, Hauptmann levantou-se calmamente. Durante a maior parte do dia êle se comportara como simples espectador, mas, à medida que o depoimento de Koehler se ia tornando cada vez mais convincente, êle foi perdendo o seu ar de indiferença. Nessa altura, ao ser conduzido pelos guardas para fora do salão do Tribunal, parecia mais velho.

Na manhã seguinte Arthur Koehler voltou a depor. Wilentz tinha apenas mais algumas perguntas a fazer, depois cedeu a sua principal testemunha aos advogados de defesa. Êstes passaram imediatamente a atacar o testemunho no que se referia à escada, mas Koehler defendeu-o sem se perturbar. Ainda não acabara a manhã quando a reinquirição terminou.

David Wilentz levantou-se e disse com ar autoritário e confiante:

—A Justiça Pública dá-se por satisfeita.

Hauptmann é Interrogado

LLOYD FISHER, jovem advogado de Flemington e um dos assistentes escolhidos por Reilly, iniciou as alegações da defesa. Suas palavras não deixaram dúvida de que êle acreditava profundamente na inocência de Hauptmann; mas advertiu os jurados de que não esperassem da defesa nada semelhante às espetaculares provas produzidas pela acusação. A defesa não podia dar-se a êsse luxo. A Promotoria dispunha dos recursos oficiais do Estado de Nova Jersey, dos da Cidade de Nova York e dos do próprio Governo americano para sustentar a acusação—ao passo que a defesa lutava espremida contra a parede. Mesmo assim, quando se demonstrassem os fatos; os jurados haveriam de reconhecer a inocência de Hauptmann.

Fisher olhou para o réu e sorriu confiante. Reilly chamou a primeira testemunha:

—Bruno Richard Hauptmann, queira apresentar-se para depor!

Reilly sentia-se muito à vontade quando começou o interrogatório. Com naturalidade, fêz o depoente recordar o tempo em que vivera na Alemanha, passando leve pelas prisões que ali sofrera, a sua entrada ilegal nos Estados Unidos e a sua prosperidade como carpinteiro. As perguntas eram cuidadosamente formuladas, sugerindo apenas respostas que se pudessem resumir num simples "sim" ou "não".

AGUARDE!

No próximo número de "Seleções", tudo sôbre Cozinha, Receitas básicas, Dietética, Arrumação de mesa etc., para a futura Dona-de-Casa, em 36 páginas inéditas, a côres.

UM OFERECIMENTO DE PRODUTOS NESTLÉ



"Pequeno manual da futura dona-de-casa" * *



CENTRO NESTLÉ DE ECONOMIA DOMÉSTICA



- PARA LER, GUARDAR E CONSULTAR SEMPRE!





QUEIMOU-SE?

APLIQUE JÁ

Curativo Plástico

BAND-AID

— com TIRO-TRI-CINA
evita infecções —
cura mais depressa!

SUPER-VENTILADO!

**PLÁSTICO CÔR DA PELE
FLEXÍVEL • IMPERMEÁVEL**



Custa menos
que
um cafézinho!

Johnson & Johnson

— o nome que garante qualidade

Mas no dia seguinte, quando Reilly começou a referir-se ao crime, as respostas de Hauptmann passaram a ser firmes e enfáticas.

—Na noite do dia 1.º de março de 1932 você entrou no dormitório do filho do Coronel Lindbergh...

Hauptmann não esperou o final da pergunta.

—Não!

—... para tirar de lá o menor Charles Lindbergh, Jr.?

—Não!

Hauptmann repetiu a história em que aparecia Isidor Fisch, o negociante de peles que êle dizia ter-lhe entregado o dinheiro do resgate antes de partir para a Alemanha. E, com uma única exceção, insistiu no alibi das datas do rapto e do pagamento do resgate. Reconhecia ter-se enganado ao dizer que a 1.º de março estava trabalhando no Edifício Majestic. Nesse dia o superintendente das obras lhe dissera que só poderia admiti-lo a 15 de março. Mas reafirmou que *estava* no Majestic no dia 2 de abril.

Reilly pediu a ajuda de um funcionário do tribunal, e as três seções da escada foram colocadas bem à vista de Hauptmann e dos jurados.

—Foi você quem fêz essa escada?

—perguntou Reilly.

—Eu sou carpinteiro—foi a resposta de Hauptmann, meio altiva, meio desdenhosa.

A resposta não era suficiente para Reilly; seu vozeirão causou risos no recinto quando êle repetiu a pergunta:

—Foi você quem fez essa escada?

—Está claro que não.

Reilly pediu que o depoente examinasse a escada. Hauptmann levantou-se e examinou-a.

—Parece um instrumento musical!

—disse com um ar perplexo.

Ouviram-se novas risadas. O Juiz Trenchard fê-las cessar no mesmo instante batendo com o martelo. Hauptmann tornou a sentar-se e Reilly passou ao outro elemento de prova produzido pela Promotoria contra êle.

Tirara algum pedaço de madeira do seu sótão para fazer uma perna da escada?

Não.

Deixara alguma talhadeira no terreno da casa de Lindbergh?

Não.

Escrevera qualquer dos bilhetes relativos ao resgate?

Não.

—No dia 2 de abril de 1932 esteve no Cemitério de St. Raymond e recebeu 50.000 dólares das mãos do Dr. Condon?

—Eu não.

Reilly procedeu então a uma longa e complicada análise da situação financeira de Hauptmann e das suas transações na bolsa, o que fêz Hauptmann assumir um ar risonho e aparentemente confiante. Então, de repente, Reilly mudou de tática.

—Quando o levaram para a delegacia de Nova York, você foi espancado pela polícia?

—Fui.

Reilly observou então que a po-

O Melhor de Todos!

É natural que toda a gente queira o melhor de tudo que existe. Agora a "Sanyo Electric Co." apresenta este novo e valioso rádio portátil "trans-continental" de 10 transistores, modelo 10S-P10N de 3 bandas para todos os comprimentos de onda.

Em virtude de ser eliminado o transformador de potência convencional, este modelo tem capacidade para reproduzir tanto sons agudos como baixos. Assim, o prazer de ouvir o verdadeiro som de "hi-fi" - alta fidelidade, é obtido por este novo e excelente rádio portátil.

Além disso, todo o mundo fica ao alcance dos ouvintes com este rádio portátil da "Sanyo", modelo 10S-P10N, pois o mesmo capta todas as emissoras, não somente de transmissão normal de música e noticiário, mas também, de ondas curtas de 2 a 18 mc, de numerosos países estrangeiros.

Virtualmente, o rádio transistor para todas as ondas da "Sanyo" é o mais perfeito e que satisfará a todos aqueles que preferem o melhor.

SANYO

SANYO ELECTRIC CO., LTD.

OSAKA, JAPÃO

SECÇÃO INTERNACIONAL:
SANYO ELECTRIC TRADING CO., LTD.



lícia submetera Hauptmann a um teste de escrita.

—Você escreveu as palavras como quis, ou mandaram você escrevê-las de determinada maneira?

—Certas palavras êles soletraram para mim.

—Como você escreve *signature*?— perguntou Reilly.

Hauptmann soletrou corretamente a palavra em voz alta.

—Mandaram que você escrevesse *s-i-n-g-n-a-t-u-r-e*?

—Mandaram.

Reilly continuou. Por que Hauptmann se submetera ao teste?

—Êles me obrigaram—respondeu Hauptmann.

Reilly agradeceu as respostas do acusado; nada mais queria perguntar.

Wilentz Contra Hauptmann

ERA a vez de Wilentz fazer perguntas a Hauptmann, e o seu ataque foi violento. Começou referindo-se aos antecedentes de Hauptmann como autor de roubos, réu condenado à pena de prisão e liberado condicional na Alemanha. Fingindo surpreender-se, observou que Hauptmann *subira por uma escada à janela de um segundo andar*, assaltando a casa da *pessoa mais importante* de uma cidade vizinha. Assaltara à mão armada duas senhoras que empurravam *carrinhos de bebê*.

Pela primeira vez Hauptmann se mostrou inquieto na cadeira dos depoentes. Tirou do bôlso um lenço e limpou o rosto.

Prosseguindo, Wilentz exibiu um pequeno livro vermelho de escrituração mercantil que a polícia encontrara na casa de Hauptmann. Entregou-o ao réu e deu-lhe tempo para que examinasse o conteúdo. Depois apontou para uma determinada página e perguntou:

—Esta palavra foi escrita com a sua caligrafia?

Sem responder, Hauptmann olhou admirado para a palavra *boad*.

—Ou foi alguém da *polícia* que a escreveu?—perguntou Wilentz.

Relutante, Hauptmann admitiu que a palavra parecia escrita com a sua letra.

—Como você escreve a palavra *boat*?—indagou o promotor.

Hauptmann respondeu cauteloso:

—B-o-a-t.

—Então por que escreveu *b-o-a-d*?—gritou Wilentz.

Sua voz, seu dedo apontado para o livro aberto, pareciam obrigar Hauptmann a recuar na cadeira. O ataque prosseguiu, inexorável: a palavra *b-o-a-d* estava ou não escrita com a letra de Hauptmann?

Hauptmann respondeu que não se lembrava de tê-la escrito.

—Você diz isso porque sabe que escreveu *boad* quando recebeu os 50.000 dól. res das mãos do Dr. Condon, não é verdade?

—Não.

Wilentz apanhou um dos bilhetes referentes ao resgate, exibidos pela Promotoria Pública ao Tribunal, e colocou-o nas mãos de Hauptmann.

—Olhe para isto!—ordenou, apontando para a frase: *O menino está no barco Nelly*. (No bilhete, a palavra *boat* estava escrita *boad*.)

Era a tarde de 25 de janeiro, sexta-feira, último dia da quarta semana de julgamento. No fim-de-semana, colonistas, radialistas e jornalistas foram unânimes em reconhecer que a acusação de Wilentz atingia o seu objetivo em cheio—a defesa de Hauptmann desmoronava-se. Mais algumas marretadas, predisseram, e o homem de aço cederia.

Na segunda-feira seguinte Wilentz retomou a tarefa de comparar os bilhetes do resgate com as palavras que Hauptmann escrevera errado. Exibiu um cheque em que êle escrevera *senvety* com o *n* fora do lugar, exatamente como fizera em *singnature*. Depois, escolhendo uma página de um livro de escrituração, encontrou a palavra *Wrihgt*, em que a letra *h* estava igualmente fora do lugar, êrro que aparecia igualmente nas palavras *lihgt* e *rihgt* dos bilhetes do resgate.

O ataque prosseguiu, aumentando de intensidade quando Wilentz passou a apreciar as explicações que dera Hauptmann da sua situação financeira. O promotor exibiu um telegrama de um dos corretores de Hauptmann, exigindo um pagamento de 24 dólares e 89 centavos. Antes do telegrama, observou Wilentz, houvera muitos telefonemas e algumas cartas, e êle aproveitou para ressaltar a data do telegrama: 2 de dezembro de 1931—exatamente três

meses antes do rapto. Não seria aquilo um indício de que Hauptmann andara perdendo muito dinheiro em fins de 1931?

O interrogado admitiu que sim.

Com desdém, Wilentz perguntou:

—Você não era muito entendido em operações de bolsa, era?

A pergunta pareceu espicaçar Hauptmann. Encarando o seu sardônico acusador, êle respondeu:

—A primeira vez que se especula na bolsa a gente tem de perder!

—E a primeira vez que a gente faz uma escada tem de fazê-la malfeita, não é verdade?

Furioso, Hauptmann respondeu:

—Eu nunca fiz uma escada!

O clímax da acusação veio minutos depois, quando Wilentz chamou a atenção de Hauptmann para as anotações a lápis do enderêço e do telefone do Dr. Condon, encontradas no armário da casa do acusado. Êste negou tê-las feito.

Wilentz não queria acreditar no que ouvia. Então o réu admitia que mentira quando antes dissera tê-las feito? Hauptmann fêz uma pausa e Wilentz perguntou-lhe:

—Você falou a verdade quando se referiu a essa tábuia, lá no Bronx?

Hauptmann hesitou de nôvo. Wilentz l. mbardeou-o com a pergunta, uma, duas, três vêzes. Finalmente, Hauptmann respondeu:

—Não.

—Quer dizer que *não* disse a verdade lá?

—Não.

A polícia encontrara também dois

números de séries anotados a lápis na parte interna da porta do armário. Hauptmann explicara que eram os números de duas cédulas que Fisch lhe dera para comprar títulos. Sustentava êle ainda que *aquelas* anotações tinham sido feitas por sua própria mão?—perguntou Wilentz.

Sim.

E de quanto eram as notas—de 500 ou de 1.000 dólares?

Hauptmann não se lembrava.

Êle não sabia se tinha centenas ou milhares?

As palavras de Wilentz, desdenhosamente incrédulas, pareciam divertir Hauptmann, que sorriu para o seu acusador. Era um sorriso superior, que irritou Wilentz. Olhando furiosamente para o acusado sentado à sua frente, Wilentz perguntou:

—Você acha graça nisto?

O sorriso apagou-se.

—Não.

—Você está-se divertindo . . . está rindo de mim . . .

—Não.

—Você se considera uma pessoa importante . . .

O corpo de Hauptmann encolheu-se e êle perguntou:

—Devo chorar?

Wilentz continuou. Ia dar as marteladas finais que os repórteres esperavam. Para ouvi-las, êles se inclinaram para a frente, ansiosos.

—Você é um homem de *fôrça de vontade* . . .

Os músculos da face e do pescoço de Hauptmann saltaram. Êle agar-

rou-se aos braços da cadeira, torcendo o corpo de um lado para o outro.

—Você não confessaria nem que o matassem, não é?—bradou Wilentz.

—*Não!*

A palavra saiu como um tiro sêco, mortal.

—A fôrça de vontade é tudo para você, não é?

—*Não!* Eu sou inocente!—exclamou Hauptmann.—E isso me dá fôrças para resistir!

—Você mentiu quando jurou perante Deus dizer a verdade.

Hauptmann estendeu a mão direita espalmada. Tremia e sua voz parecia quase histérica:

—*Acabe com isso!*

—Então você não faltou ao seu juramento repetidas vêzes?

—*Não; eu não!*

—Mentiras, mentiras e mais mentiras!—bradou Wilentz.—Mas agora você já não está rindo, está? A situação ficou um pouco mais séria, não ficou?

Hauptmann estremeceu, depois controlou-se e disse:

—Acho que aqui não é lugar para rir.

A sessão foi suspensa e no intervalo houve muitas conjeturas na tribuna da imprensa. Hauptmann não cedera, mas parecia prestes a ceder. Talvez quando se reiniciassem os trabalhos . . .

Mas quando o tribunal voltou a funcionar Wilentz recomeçou calmamente as suas perguntas; não ha-

Faça Êste Teste:

- QUEM INVENTOU A IMPRENSA
- QUEM ESCREVEU DOM CASMURRO?
- QUEM DESTRUIU CARTAGO?
- O QUE É DESINTEGRAÇÃO ATÔMICA?

Você pode responder a estas perguntas? Numa reunião, quando a palestra assume um tom intelectual, você é capaz de dar suas opiniões?

Tem participado de uma vida intensa e culta?

Saiba que o seu futuro não depende somente dos conhecimentos específicos sobre sua profissão. Não se feche dentro de assuntos banais e sim participe de uma vida culta, acima da média, conversando eruditamente sobre qualquer assunto.

Conheça tudo sobre literatura, música, pintura, política, história universal, etc., graças ao moderno Método Prático de Desenvolvimento Cultural e, em poucos meses, poderá ser uma pessoa realmente culta. E, então, sentirá o crescimento do seu prestígio. Qualquer que seja sua idade, sexo ou categoria social, você conquistará, sem esforços, em poucos meses, uma bagagem de conhecimentos valiosos e verá que, em pouco tempo, estará discorrendo corretamente sobre os assuntos do teste acima ou outros.

Em sua própria casa (por correspondência) faça o curso da Divulgação Cultural Brasileira. O nosso curso é claro, objetivo e atraente.

Peça hoje mesmo, sem compromisso, um folheto explicativo à Divulgação Cultural Brasileira, C. Postal 19087 São Paulo-Brasil ou mande-nos o cupom abaixo:

Favor enviar o folheto "Método Prático de Desenvolvimento Cultural"

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____ EST. _____

via outros golpes violentos a desfechar. Na manhã de quarta-feira o jovem promotor deu por findo o seu brilhante interrogatório, após um último e incisivo ataque à escrituração do réu.

Hauptmann levantou-se da cadeira em que estivera depondo e esticou-se um pouco. Respondera a perguntas pelo espaço de 17 horas; o duelo que tivera com Wilentz durara 11 horas. Mas já não parecia fatigado ou preocupado. Seguido do guarda começou a caminhar em direção ao lugar que lhe era reservado no tribunal. Após alguns passos voltou-se e olhou para os jurados. Sorria de nôvo.

"Está Concluída a Prova da Defesa"

REILLY continuava imperturbavelmente confiante, mas à medida que o julgamento prosseguia era cada vez mais evidente que muitas das testemunhas de defesa não melhoravam a posição do acusado com os seus depoimentos.

Christian Fredericksen, o dono da padaria e restaurante em que Anna trabalhava como garçomete, não foi capaz de afirmar, categoricamente, que Hauptmann estivera na padaria na noite do crime. Admitiu que o acusado "costumava" ir lá nas noites de terça-feira, mas não podia jurar que o vira naquela terça-feira. Ansioso por sustentar o alibi de Hauptmann, no dia 31 de janeiro, sexta-feira, Reilly pediu o depoimento de Louis Kiss. Êste jurou

ter visto Hauptmann na padaria naquela noite.

Usando perguntas habilidosas, Wilentz acabou demonstrando que Kiss tinha sido traficante de bebida.

A testemunha seguinte de Reilly, August Van Henke, declarou também ter visto Hauptmann no Bronx na noite do crime. Reinquirindo-o, Wilentz perguntou se algum dia êle dirigira um bar clandestino. Não. E um restaurante? Sim. Fôra varejado algumas vêzes pela polícia? Fôra.

Reilly chamou então Louis Harding, um operário que dissera ter estado fazendo reparos numa estrada de Princeton, no Estado de Nova Jersey, na tarde do dia 1.º de março, quando dois homens se detiveram num carro para perguntar onde ficava a casa de Lindbergh. Na parte traseira do automóvel havia uma escada, disse Harding, mas nenhum dos dois homens era Hauptmann.

De nôvo Wilentz foi breve. A testemunha fôra alguma vez condenada—notadamente por assalto e lesões corporais contra uma mulher? Ou, para ser mais simples, por ter agredido uma mulher? Harding discordou da classificação do delito. Tratara-se apenas de conjunção carnal com emprêgo de violência.

—Onde é que êles foram buscar essas testemunhas?—perguntou Hauptmann, nervoso, quando Lloyd Fisher o visitou em sua cela no fim daquela semana.—Elas estão-me prejudicando!

E estavam, realmente. Na semana



Pintura super-lavável ...e sempre nova!

Se Você está pensando em pintar o interior de sua casa, certamente deve escolher uma tinta bem durável, que evite repinturas por anos e anos. Pinturas feitas com Super Kem-Tone permanecem bonitas e elegantes por mais tempo. Seu maravilhoso acabamento fôsko-aveludado, super-lavável, é 87 vêzes mais durável do que qualquer outro... e é moderníssimo!

Super-lavável! Super Kem-Tone é insensível às manchas, mesmo às de graxa, batom, gorduras etc. Basta lavar com água e sabão.

Super-durável! Super Kem-Tone é proteção 100% para suas paredes...dura anos e anos, sempre nova e elegante.

Super Kem-Tone
— a tinta
super-lavável,
à base
de látex!



TINTAS
SHERWIN



WILLIAMS

COBREM MAIS — PROTEGEM MAIS — DURAM MAIS !



O corpo de jurados

seguinte a reinquirição levada a efeito por Wilentz revelou que um dos homens que Reilly arrolara como testemunhas era testemunha profissional, da qual se soubera que ameaçara mudar o seu depoimento caso não lhe pagassem antecipadamente o serviço. O outro estivera internado num hospital de alienados após ameaçar uma visitadora social e ter-lhe escrito cartas indecorosas.

Até os peritos apresentados pela defesa se desacreditaram. No dia 7 de fevereiro, quinta-feira, Charles De Bisschop apresentou-se para depor, qualificando-se como madeireiro, demolidor de prédios, empreiteiro de obras em geral e dono de

um viveiro para plantas. Além disso, acrescentou, muitas vezes combinara madeiras, pelo desenho das suas fibras, para fabricantes de móveis.

Quando o madeireiro começou a depor, Wilentz chamou Arthur Koehler para tomar lugar na bancada da acusação. Apresentaram a De Bisschop a peça número 16 e a tábua do sótão, e êle declarou taxativo que eram completamente diferentes.

—Não podem combinar—disse—pelo menos na superfície de qualquer dos lados . . .

De repente hesitou, revolvendo os pedaços de madeira nas mãos.

—Não é assim que se vê se elas de-

vem combinar?—perguntou, olhando na direção da bancada da acusação.—Qual é a parte superior aqui?

—Espere!—acudiu Wilentz.—O senhor está fazendo perguntas ao Sr. Koehler?

—Estoul

Apelar para o perito oficial não ajudou a convencer os jurados das aptidões de De Bisschop. No dia seguinte Reilly apresentou outro perito em madeira, Ewald Mielke, dono de uma serraria. Também êle afirmou que a peça da escada e a tábua do sótão não eram da mesma madeira.

Uma vez mais Wilentz foi breve e arrasador. Quanto tempo levará a testemunha a examinar os dois pedaços de madeira?

—Talvez uns cinco minutos—respondeu Mielke.

Foi o máximo que Reilly conseguiu fazer. Quando cessaram os esclarecimentos do perito êle pôs-se de pé calmamente e, dirigindo-se ao magistrado, declarou:

—Está concluída a prova de defesa.

O Veredicto

QUANDO Reilly iniciou as suas alegações finais, a maioria dos presentes preparou-se para assistir a um desempenho pontilhado de trovões e coriscos. Mas foram poucos os fogos de artifício na sua oração final. Com ar grave, o advogado de defesa tirou um livrinho prêto do bôlso e ergueu-o respeitosamente. Era uma Bíblia.

—Senhoras e senhores do conselho de sentença—disse calmamente.—Eu gostaria de ler-vos um trecho de *São Mateus*: “Não julgueis, para não serdes julgados”, e pedir-vos que abrigueis em vossos corações a idéia de que estará em jôgo, na vossa decisão, algo que não mais podereis restituir depois de o terdes tirado: a vida.

Guardando a Bíblia, êle prosseguiu no discurso:

—A primeira coisa que tereis de decidir quando vos recolherdes à sala secreta é isto: Como, Senhor, podia Hauptmann, estando no Bronx, saber fôsse o que fôsse a respeito da casa de Lindbergh? Seria isso possível? Não. O Coronel Lindbergh foi apunhalado nas costas pela deslealdade daqueles que trabalhavam para êle!

—Quem sabia que a criança estava resfriada e teria de permanecer em Hopewell?—perguntou.—Não era Hauptmann. Ninguém, a não ser o coronel, sua encantadora espôsa, os criados, Betty Gow e “Red” Johnson sabiam disso. Betty Gow? O coronel pode confiar nela quanto quiser. Eu não confio, absolutamente!

Não se ouviu nem um pigarro, um murmúrio, um arrastar de pés no tribunal, quando Reilly deu a sua própria versão do crime:

—O coronel e a espôsa estão jantando. De onde estão não podem ver nem a porta da frente, nem a porta dos fundos. Súbito, é dado o aviso: “O campo está livre; êles



A sala do tribunal quando Hauptmann é levado para o recinto. O julgamento está prestes a iniciar-se

estão jantando.” Que aviso? O telefonema de “Red” Johnson.

A voz profunda e dominadora prosseguiu, recordando o estranho papel do Dr. Condon no caso, desdenhando profundamente os testes de caligrafia a que Hauptmann fôra submetido na delegacia de polícia. “Escrevi como me mandaram”, dissera Hauptmann—e por acaso uma só testemunha o desdissera?

Quanto às cédulas do resgate, prosseguiu Reilly, e às declarações dos peritos oficiais, o juiz presidente estava ali para dizer aos jurados que a prova pericial nada mais era que uma prova opinativa.

—A prova opinativa significa simplesmente que esta pessoa diz: “Eu acho que é assim”, e que aquela outra pessoa diz: “Eu acho que é assado.” E por isso mesmo têm os tribunais decidido com sabedoria que os jurados têm o direito incontestável de decidir conforme a sua própria convicção, abstraindo-se por completo das conclusões dos peritos.

—É muito importante para a acusação—prosseguiu—tentar esperar o bilhete encontrado no dormitório da criança no peito de Hauptmann, porque prova alguma, a não ser essa, pode colocá-lo ali na noite de primeiro de março, mas êsse

bilhete é colocado ali por fôrça de uma opinião, ou da adivinhação, digamos assim, das testemunhas de acusação.

Bastaria isso para se condenar um homem à morte?

—Senhoras e senhores do conselho de sentença—concluiu Reilly, numa voz vibrante de convicção.—Creio que Richard Hauptmann é absolutamente inocente dêste homicídio. E tenho certeza de que o próprio Coronel Lindbergh não haveria de querer que fizésseis outra coisa senão cumprir o vosso dever em face das provas produzidas.

Reilly fêz uma pequena reverência aos que o ouviam e encaminhou-se para a bancada da defesa. O julgamento foi transferido para o dia seguinte.

Na manhã seguinte Wilentz teve a palavra para as suas alegações finais. Também êle se apresentou com uma Bíblia na mão. Reilly lera o seu versículo do Nôvo Testamento; Wilentz começou lendo o Velho.

—“Não julgueis para não serdes julgados”, diz o meu *ex adverso*. Mas êle se esquece daquela outra advertência, que também está na Bíblia: “*E quem matar a alguém, certamente morrerá.*”

Em nítido contraste com o grave discurso de Reilly, Wilentz falou andando de um lado para o outro frente à bancada do júri.

—Que tipo de homem haveria de assassinar o filho de Charles e Anne Lindbergh? Era preciso que fôsse um sujeito que tivesse gelo nas

veias. Teria de ser um egocêntrico.

Em breves traços, rememorou as provas—as cédulas do resgate, a escada, o dinheiro do resgate oculto na casa do acusado, o reconhecimento de Hauptmann pelo Dr. Condon e por Lindbergh. Nesse ponto a voz do promotor se alteou:

—O Inimigo Público Número Um do Mundo! Eis com quem nos defrontamos! Vêde-o ali sentado! Contemplai-o, quando êle se retirar dêste recinto, ainda hoje . . . com o seu ar de pantera, regozijando-se, sentindo-se bem!

Os olhares dos jurados voltaram-se para Hauptmann. Seu rosto parecia rubro e suado. Remexendo-se na cadeira, êle limpou-o com um lenço.

Wilentz inclinou-se para a tribuna do júri. Mostraria agora aos jurados o perjuro que era Hauptmann, disse—um mentiroso, capaz de mentir até mesmo perante aquêle tribunal! E recordou que Hauptmann jurara que, durante os testes de letra, na polícia, o tinham mandado escrever a palavra *assinatura* errada.

Wilentz bateu as mãos com um estalo.

—Muito bem, senhores jurados! —exclamou—examinai o que Hauptmann escreveu na delegacia de polícia. Examinai tudo e não encontrareis uma única vez a palavra assinatura. Jamais lhe pediram que a escrevesse, certo ou errado! E êle jura que na polícia o mandaram soletrá-la errado!



13 de fevereiro de 1935: uma multidão silenciosa aguarda fora do Tribunal de Hunterdon County enquanto o júri debate a sorte de Hauptmann

De fato, a palavra fôra propositalmente excluída dos testes, porque a imprensa divulgara demais aquêlê êrro de ortografia.

Foi uma revelação espantosa e Wilentz passou imediatamente às suas últimas palavras:

—Há casos em que se justifica um pedido de clemência, mas não êste! Ou êsse homem é o mais vil e o mais imundo reptil que já rastejou na Terra, ou deve ser absolvido. Compete a vós decidir se êle merece clemência. Mas a mim me parece que tereis a coragem de declarar Richard Hauptmann culpado de homicídio doloso.

O JUIZ TRENCHARD dirigiu a palavra ao júri na manhã seguinte, quarta-feira, 13 de fevereiro, e o conselho de sentença retirou-se para deliberar. Passaram-se as horas; ao anoitecer uma multidão sempre crescente tinha-se aglomerado do lado de fora do tribunal, esperando o veredicto.

Todo o drama do julgamento se desenrolara numa atmosfera agitada e ruidosa, com multidões a gritar, congestionamento de tráfego, curiosos e caçadores de autógrafos. Só num domingo quase 100.000 pessoas se comprimiam em Flemington. Milhares de colecionadores de lem-

branças, invadindo as dependências desertas do tribunal durante o recesso de um fim-de-semana, tiraram lascas de madeira das cadeiras e das mesas, entalharam iniciais nos móveis e revezaram-se na oportunidade de sentar nas poltronas dos jurados, na cadeira de Lindbergh e na de Hauptmann. Outros milhares de pessoas pisotearam as matas de Sourland, para ver o lugar onde fôra encontrado o cadáver da criança. E nas últimas semanas vendedores de lembranças tinham feito um bom negócio vendendo miniaturas de escadas de madeira a dez centavos de dólar cada, para serem usadas como broche ou em correntes.

E agora, enquanto as horas de espera se estendiam noite adentro, os 10.000 rostos da turba assumiam uma côr alvar de cara de palhaço ao clarão dos refletores instalados para as câmaras cinematográficas. À medida que a impaciência aumentava, a noite ia-se enchendo de vozes, numa algazarra que se erguia acima do alarido da multidão:

—Morra Hauptmann! Morra Hauptmann! Morra Hauptmann!

Às 22h e 35m, após 11 horas de deliberação, os jurados voltaram. O salão do tribunal ficou em silêncio quando Hauptmann, algemado entre dois guardas, foi reconduzido ao seu lugar. Lá fora amainou o rugir da multidão.

O Juiz Trenchard acenou com a cabeça para um funcionário do tribunal; êste perguntou ao principal jurado qual era o veredicto.

O jurado-chefe, Charles Walton, tirou do bôlso uma fôlha de papel dobrada. Tremiam-lhe as mãos, e, numa voz que parecia estranhamente estrangulada, leu:

—O júri declara o acusado culpado de homicídio doloso.

Como não houvera recomendação de clemência, o veredicto tornava compulsória a pena de morte. Um mensageiro ansioso saiu do recinto em direção a uma janela que dava para a rua. Escancarando-a, gritou:

—Culpado . . . condenado à morte!

A multidão prorrompeu em gritos.

Hauptmann permaneceu calado, olhando para o Juiz Trenchard enquanto êle proferia a sentença, marcando a data da execução para a semana a começar em 18 de março de 1935. Em seguida os guardas conduziram-no para fora do tribunal. Estava terminado o longo carnaval e a enorme multidão começou a dispersar-se.

No decurso daquela noite Hauptmann chorou algumas vêzes, na sua cela, murmurando de vez em quando:

—Homenzinhos, pedacinhos de madeira, pedacinhos de papel!

QUANDO a notícia do veredicto se espalhou pelo país, provocou as mais variadas reações. “Todos aqueles que têm filhos”, dizia um editorial do *Daily News* de Nova York, “podem sentir-se hoje um pouco



Seleções assegura vida mais longa para o seu anúncio!

Sim. Porque Seleções é uma revista que se coleciona, cuja leitura se renova, e os próprios leitores afirmam não existir o que se poderia chamar "um número antigo de Seleções". O interesse da matéria editorial de Seleções se transmite aos anúncios. É por isso que eles têm uma vida mais longa e mais ativa do que em qualquer outra revista. São inúmeros os anunciantes que continuaram recebendo, anos após a publicação, consultas e cupons resultantes de seus anúncios em Seleções.

Seleções do Reader's Digest

RIO: Praça Pio X, 98 - 11.º andar; tel.: 23-8519

S. PAULO: Av. Cásper Líbero, 58 - 14.º and.; tel.: 33-1135

mais seguros do que ontem." Como, porém, a prova era principalmente indiciária, houve muita gente que achou a pena de morte demasiado severa.

Os advogados de Hauptmann, procurando imediatamente captar a simpatia do público, lançaram mão do estratagema simples e dramático de promover uma subscrição popular para custear a apelação. Em 27 de fevereiro, pouco mais de duas semanas após o julgamento, Anna Hauptmann subia ao palco de um grande salão de festas em Yorkville, o coração da colônia teuto-americana de Nova York, para receber calorosa ovação de uma platéia de 2.500 pessoas.

Apresentando-a, Reilly alegou que a presença de Lindbergh durante todo o julgamento influenciara os jurados contra Hauptmann. A menção do nome de Lindbergh provocava pateadas e apupos; o de Hauptmann, vivas. Depois Anna pronunciou um discurso em alemão, fazendo um apêlo para que a ajudassem a salvar a vida de Richard. Naquele mesmo dia foram angariados mais de 1.300 dólares e na semana seguinte ela conseguiu quase 2.000 mais, falando em Nova Jersey e no Bronx.

Hauptmann descobriu que também êle poderia arranjar dinheiro apenas assinando o nome. Começaram a chegar-lhe às mãos, na prisão, numerosos cheques, a maioria de um dólar. Embora fôsse evidente que os remetentes queriam apenas

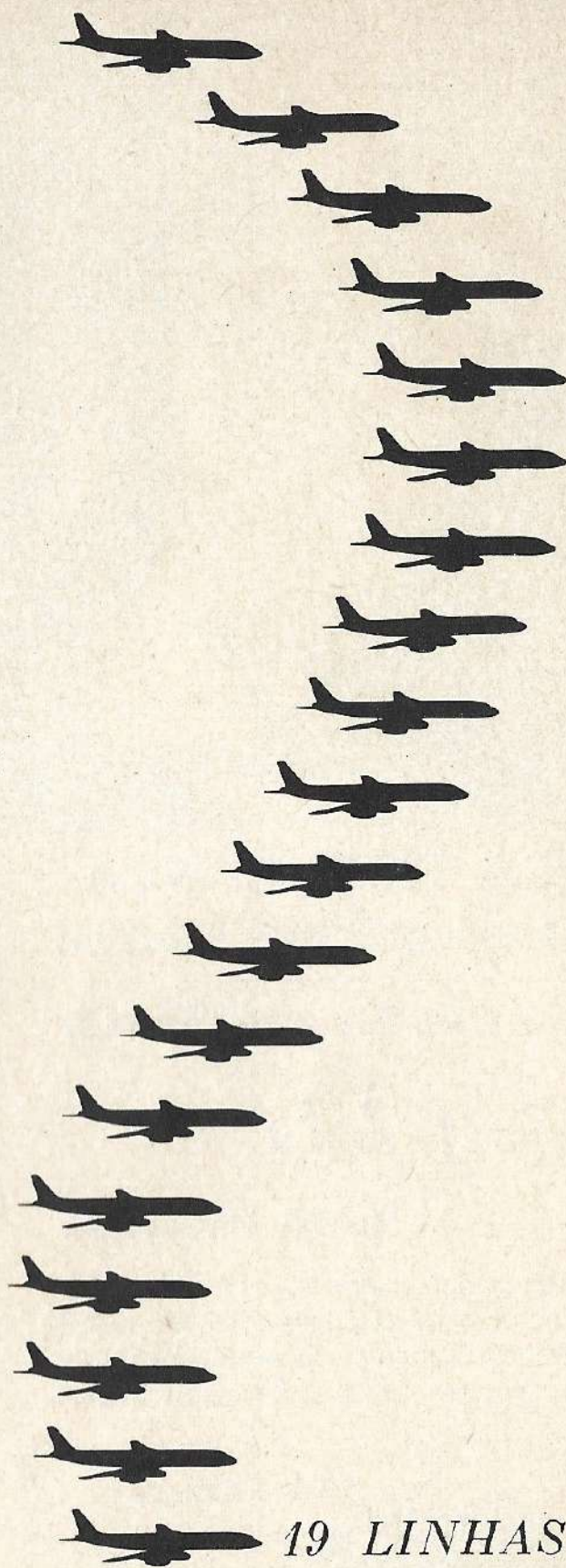
obter o seu autógrafo, Hauptmann, em sua cela de condenado à morte, ia endossando os cheques sem esmocer.

Ao aproximar-se o fim de junho uma apelação foi submetida à Corte de Apelação de Nova Jersey, e no comêço do outono os 14 magistrados que reviram a sentença do júri confirmaram-na unânimemente: eram tantos os indícios contra o acusado que não havia margem para uma dúvida razoável. Nenhum outro veredicto se justificaria.

Os advogados de defesa recorreram então à Corte Suprema, porém, a 9 de dezembro, num acórdão redigido numa só linha dactilografada, a Corte rejeitou o recurso. Quatro dias depois o Juiz Trenchard tornava a ditar a sentença de morte contra o condenado, marcando o dia 13 de janeiro de 1936 para a execução.

Os Lindberghs São Forçados a Êxilar-se

PASSADO o tumulto do julgamento, Charles e Anne Lindbergh tentaram por todos os meios recomençar sua vida normal. Em matéria de distinções, êles não podiam queixar-se. Em junho foi concedido a Anne, pelo colégio em que se formara, o Smith College, um diploma honorário de Bacharel em Artes. "Poetisa, pilôto, navegadora, radioperadora, companheira do marido na exploração das novas rotas aéreas de cinco continentes e dois oceanos", disse o diretor do colégio, William



19 LINHAS
AÉREAS DO MUNDO

voaram perto de um
bilhão de quilômetros nos
seguros DC-8

Neilson, ao conferir-lhe o diploma, “ela é o orgulho do colégio e a glória do país.”

Poucos dias depois o Instituto Rockefeller de Pesquisas Médicas anunciou que Charles Lindbergh concluíra a invenção de um coração mecânico (completo, com pulmões mecânicos, suprimento de sangue artificial e ar sintético), que, pela primeira vez no mundo, permitiria conservar vivos órgãos vitais—humanos e de animais—fora do corpo. Era um sensacional triunfo médico e científico para Lindbergh, e o seu colaborador no invento, detentor do Prêmio Nobel, fôra o Dr. Alexis Carrel.

Mas eram diferentes as coisas na vida privada do casal. No dia 15 de dezembro, um domingo, Charles e Anne promoveram uma extraordinária reunião de família. Havia algum tempo que o jovem casal vinha suportando um fenômeno que desafiava a razão: um fluxo ininterrupto de cartas grosseiras contendo ameaças a Jon, seu segundo filho, já então com três anos e meio. Reuniram-se então para discutir um problema grave e urgente. Deviam arriscar-se a continuar vivendo nos Estados Unidos?

Cartas de loucos, desajustados e pessoas cneias de rancor não constituíam novidade para os Lindberghs. Tinham sido parte do preço da glória que Charles conquistara com o seu vôo histórico, e a própria Anne também tivera o seu quinhão naquele tributo de vingança. Após o



DUPLA SEGURANÇA
para seu conforto íntimo!

CALÇA HIGIÊNICA
Serena
— para Modess

A única com cintura ajustável, e presilhas que mantêm firme o absorvente. Impermeável — é forrada em plástico. É encontrada em 3 tamanhos e em 2 cores: branca e preta. E Serena é lavável.



Johnson & Johnson

— O NOME QUE GARANTE QUALIDADE

rapto, os missivistas multiplicaram-se, passando de centenas a dezenas de milhares. Com o nascimento de Jon aumentaram de novo e a condenação de Hauptmann fêz duplicar, depois triplicar as ameaças.

A maioria das cartas eram entregues às autoridades, e numerosos remetentes foram identificados. Alguns, visivelmente alienados, foram encaminhados para os manicômios. Uma dezena de outros, que ameaçavam os atormentados pais de um novo rapto, foram detidos e encarcerados.

Mas não eram só as cartas que os preocupavam. Jon estava na escola maternal; uma das professoras levava-o todos os dias para a escola e trazia-o para casa de automóvel. Um dia, quando o automóvel em que ia a criancinha se aproximava do terreno da escola, uma cortina foi afastada, na traseira de um caminhão que estava perto. Dois reluzentes tubos metálicos foram apontados para Jon. Após um momento terrível, o caminhão partiu veloz. Foi dado o alarma e a polícia identificou-o. O caminhão levava repórteres cinematográficos.

Mais recentemente outro automóvel emparelhara com o de Jon, junto ao meio-fio. Vários vultos saltaram de dentro d'ele. A professora puxou Jon mais para perto dela e suas fisionomias assustadas encararam outras câmaras apontadas para ambos. Era como se o imprevisível e a incerteza comesçassem a ser uma constante na vida diária de Jon.



um
**BATE
PAPO
AMIGO...**

não poderá ser melhor presidido:

GIN TÔNICA

**GIN extra sêco DUBAR e
ÁGUA TÔNICA DA ANTARCTICA**

se preferir, escolha outra
delícia da famosa linhagem

DUBAR

COGNAC - GENEVRA -
KORN - RHUM - WHISKY -
VERMOUTHS - APERITIVOS
BITTERS - LICORES - XAROPES.

porque:

Há uma delícia

DUBAR
para cada paladar!

Por fim, havia poucos dias a tensão nervosa e os temores tinham chegado ao auge. Uma nova catadupa de cartas odiosas, contendo até mesmo ameaças de rapto e morte para Jon, além de exigências de dinheiro, começou a chegar quando a Côrte Suprema rejeitou o pedido de revisão do caso Hauptmann, e pouco depois os missivistas tornaram-se mais frenéticos quando o Juiz Trenchard fixou a nova data para a execução da sentença.

Então os Lindberghs começaram a perguntar-se onde poderiam encontrar a vida normal de que tão desesperadamente precisavam. Queriam uma existência reservada para Jon; e queriam sossego—Charles para dedicar-se às suas experiências científicas, Anne aos seus trabalhos literários. Durante a reunião na mansão dos Morrows tomaram uma deliberação. Iriam para a Inglaterra, onde um amigo lhes oferecera uma casa.

As providências necessárias foram tomadas em segredo para evitar publicidade, e no dia 21 de dezembro, após algumas despedidas discretas, os Lindberghs embarcaram num cargueiro com destino a Liverpool.

O Caso Lindbergh é Encerrado

DURANTE mais de 13 meses os advogados de Bruno Richard Hauptmann tentaram todos os recursos legais possíveis para que a questão fôsse reexaminada ou se adiasse a execução. Durante êsse tempo

Hauptmann teve a execução suspensa temporariamente por duas vezes. Por fim, inexoravelmente, o tempo esgotou-se.

Pouco depois das 20 horas e 30 minutos de sexta-feira, dia 3 de abril de 1936, Hauptmann foi levado para a câmara de execução. O rosto do condenado estava pálido e inexpressivo. Êle não falou e mal olhou para as 50 testemunhas sentadas dentro da sala.

Hauptmann caminhou para a cadeira elétrica e sentou-se. Os guardas agiram com rapidez, colocando-lhe uma venda preta sobre o rosto e amarrando-lhe o tórax, os braços e as pernas à cadeira. Depois, passado um momento de silêncio, os dínamos zuniram pavorosamente. Dois mil volts de eletricidade se comunicaram ao corpo de Hauptmann, inteiriçando-o violentamente. Às 20 horas e 47 minutos êle era declarado morto.

CHARLES e Anne Lindbergh tinham passado uma noite sossegada em seu refúgio na Inglaterra. Milhares e milhares de palavras acêrca da execução percorriam os cabos telegráficos em direção aos jornais de Londres, mas ninguém pedira aos Lindberghs que fizessem qualquer declaração a respeito. Semanas antes a imprensa britânica tinha assumido compromisso tácito de não importuná-los.

A salvo em sua caminha, Jon dormia profundamente.